NOVELLAE OLIVARUM

ANO XV NÚMERO 140 MARÇO 1957

QUARESMA — F. 73

O MÁRTIR SÃO VICENTE E A SUA LITURGIA — Gregorius 76

O ANO CINEMATOGRÁFICO — Artur de Lemos 87

ESCRAVATURA BRANCA — Dr. João Afonso Viana da Costa 94

CRÓNICA — N. G. 107

Casa Peyroteo

Artigos de 1.ª qualidade

para

Todos os Desportos

SOCIDEL—Soc. Com. de Artigos de Desporto L.da

Rua Nova do Almada, 52

LISBOA

Escola de Condução de Automóveis

«A POPULAR»

DIRECÇÃO TÉCNICA DE

ALBERTO PIRES

TELEF. 721891 LISBOA

Motos, ligeiros e pesados

AVENIDA DE MADRID, N.º 3-C

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

*A casa mais antiga do País no seu género-***Fundada em 1832**-*Rua da Vitória, 82-88—Rua do Ouro, 166-170*

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado

NOVELLAE OLIVARUM

Director: *Alberto Neto Simões Dias* Redactores: *José Poças Ribeiro e Cláudio Renato Marques Teixeira* Administradores: *Albino Mamede Cleto e Avelino M. Barata Pinto*
Proprietário e Editor: *Ireneu Marques Clemente*

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Composição e impressão na Gráfica de Gouveia Ld.ª — Gouveia — Telef. 109

BAYER

Rioplex

100 % uprama

ESCOLHA O TOM PRETO PRÓPRIO PARA O CLERO.
EXIJA NA OURELA A MARCA «**RIOPLEX**», POIS OS TECIDOS «**RIOPLEX**» SÃO **RESISTENTES** E DE CORES **ABSOLUTAMENTE INALTERÁVEIS**

LARG. 1,50 **PREÇO 80$00**



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista.
Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

ALTA qualidade a baixos PREÇOS

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

Rua de Santa Justa, 7 — LISBOA

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93 2.º
LISBOA

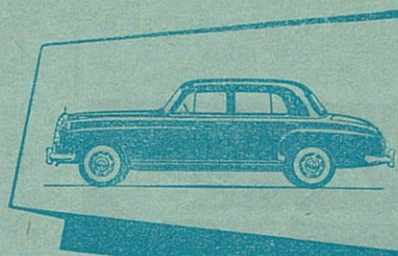
FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

MERCEDES-BENZ

AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas

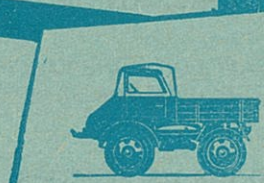
AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 41/43
lugares



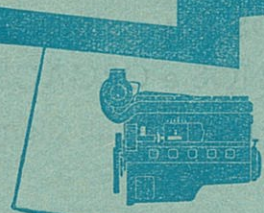




UNIMOG
tractor para todo o ter-
reno, para fins agrícolas
e industriais



MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS para
todos os fins e aplicações



Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO

Lanifícios Pretos

GABARDINES feitas em preto azul e cinzento

CAPAS de agasalho sem emendas



Concedem-se facilidades de pagamento sem aumento de preço

Condições especiais para FINALISTAS

Eurico & Rosa L.da

Rua das Pretas, 18 20

LISBOA

Armazenista distribuidor das principais fábricas de material eléctrico. Instalações eléctricas, campainhas, telefones, força motriz, etc., etc.

Orçamentos gratis

Telef. — 24410 20183

Descontos especiais ao Clero

Sassetti & G.ª

Instrumentos de música

Têm o maior gosto em pôr à disposição de V. Ex.a os seus serviços através das suas secções de:

MÚSICAS de todas as edições

DISCOS das melhores marcas

PIANOS e ÓRGÃOS novos e em segunda mão

T. S. F. Ponto-Azul, Siemens, Schaub, Siera etc., etc.

54, Rua do Carmo, 58 **LISBOA** **Telef. 21657**

Quaresma

Depois da solene introdução dos domingos da Septuagésima, Sexagésima e Quinquagésima, chega o tempo sagrado da Quaresma, talvez de todas as épocas do ano litúrgico, a que mais gravada está ainda no espírito dos cristãos. A sua longa duração — quarenta dias — ; o seu rigor ascético — jejum e abstinência — ; a sua interioridade religiosa — tempo de mais e melhor oração — ; o seu termo, a um tempo trágico e triunfante, — o tríduo pascal — , tudo contribue para chamar, sobre este santo tempo, a atenção da cristandade e até do mundo não cristão.

Foi assim em tempos passados, de maior fé, e, graças a Deus, volta a sê-lo, de novo, em nossa idade, principalmente depois que a última reforma da Semana Santa, veio pôr em seu devido lugar, as solenidades pascais.

Que é a Quaresma?

Como os outros tempos litúrgicos, não é apenas, período com as suas tradições típicas, a sua cor roxa, as suas procissões dos Passos, os seus cantares lúgubres, diria, o seu folclore próprio. Terá tudo isso, mas é muito mais do que isso tudo. A Quaresma é um tempo sagrado, grande retiro da Igreja, à imitação de Jesus, no deserto, tempo acima de tudo de oração e de prática mais sincera das virtudes cristãs, de luta contra Satanás, em ordem a tornar-nos participantes da vitória pascal do Senhor.

* *
*

Jesus é chamado por S. Paulo, o novo Adão, que vem a refazer o que o primeiro desfez.

Ao primeiro, uma vez saído das mãos de Deus, obra-prima da Sua criação, Satan o tentou, e porque Adão se lhe entregou nas mãos, Deus o deixou vítima das garras do tentador.

Jesus entra no mundo e, logo após o seu Baptismo no Jordão, penetra no deserto, levado pelo Espírito Santo. O deserto é o afastamento dos homens, do mundo, e o encontro com Deus. Jesus eleva ao Pai o Seu espírito e alimenta-se dessa intimidade. É o paraíso das delícias aquele

deserto. Como no primeiro paraíso, o Tentador ali penetra para tentar o Senhor. Mas, «não tentarás o Senhor, teu Deus». O novo Adão triunfa onde o primeiro caíu.

É que, a quem vive sob a protecção do Altíssimo, o Senhor o salvará e o glorificará (S. 90).

O domingo inaugural da santa quarentena, outra coisa não faz senão apresentar-nos a pessoa adorável de Jesus, tentado e vencedor da tentação, comentando o facto evangélico, com os versos do salmo 90, o salmo da protecção divina.

* *
*

Uma oração da quarta-feira de cinzas chama à Quaresma, o campo de luta da milícia cristã. Já o velho Job chamou à vida do homem sobre a terra uma milícia. Mas a luta do homem natural é luta desesperada. A luta do cristão é luta verdadeira contra um inimigo verdadeiro, Satan, mas a sua força combativa não é a frágil energia do homem; é a força de Cristo, de que o membro da Igreja está revestido.

A Quaresma é a luta declarada de toda a Igreja, sob a orientação e exemplo de Cristo, contra o reino do mal.

A Igreja e cada cristão é já um resgatado, um vitorioso, porque é membro de Cristo, triunfador de Satan e do seu reino. O cristão é um ressuscitado, um renascido para a vida nova, que brota da Ressurreição de Cristo. O cristão é, segundo a palavra de S. Paulo, um Santo, santificado pela graça de Deus. Mas, como conservar intacta e em esplendor, esta vida, que nos foi infundida na nossa noite pascal, — a hora do nosso baptismo —, é virtude de poucos, torna-se necessário, que durante a santa Quaresma cada um se purifique das máculas contraídas ao longo do ano; que faça, como o Senhor, o seu retiro, no deserto do seu espírito, a sós com Deus, longe do mundo e de suas vaidades, prazeres e ambições; que morra com Cristo, em Sacrifício de reparação para a glória de Deus, — para na Páscoa, se encontrar, de novo, com Cristo Ressuscitado.

* *
*

A Quaresma orientar-se-á, portanto, plenamente para a Páscoa, como a mortificação e oração quaresmais se orientam totalmente à renovação, em nós e na Igreja inteira, da graça baptismal, na noite santa da Páscoa.

Esta ligação não é, apenas, convencional. A Quaresma não teria sentido se não fosse toda em ordem à graça Pascal. É que a graça, que santifica, vem-nos sòmente de Cristo Ressuscitado. Ele, o Redivivo, é o Homem-Novo. Ele é o Novo-Adão. Ele é o Chefe dessa Humanidade

nova, cuja pátria natural é o céu — , o paraíso encontrado — mas que vive já, embora em estado imperfeito, neste mundo, o Corpo Místico da Igreja. A Igreja é a ampliação do Cristo glorioso da Ressurreição. E, por isso também, nessa santíssima noite, nós renovaremos em nossas almas a graça baptismal, renovando as promessas que fizemos, quando fomos baptizados.

Mas este momento de Ressurreição não se improvisa. Tem de ser preparado. A sua preparação é a santa Quaresma.

Assim como Jesus morreu e pela Sua morte nos mereceu a salvação, mas só nos tornou participantes da divina graça pela Sua Ressurreição, assim também nós participaremos dessa sua graça, se O acompanharmos na Sua Morte. A Quaresma é o tempo de morrer, — para o pecado — para ressuscitar com Cristo.

A Igreja ao longo de toda a santa quarentena diàriamente nos aponta este objectivo quando canta: «Virá um dia, o teu dia, em que tudo, de novo, florirá; e nós, novos pela graça, cantaremos um cântico novo». (Hino de Laudes).

* *
*

Sejam pois, estes dias santíssimos generosa caminhada, pelo deserto, com Cristo. Na medida em que jejuarmos de nossos pecados o Senhor nos fartará com a Sua graça; na medida em que tomarmos, humildemente, consciência das trevas do nosso coração, o Senhor nos tornará participantes da Luz grande do Círio pascal; na medida em que fizermos silêncio dos ruídos do mundo e de nossas paixões, e nos exercitarmos na virtude, nessa medida o Senhor porá em nossos lábios o cântico novo das santas e profundas e verdadeiras alegrias pascais.

F.

O MÁRTIR SÃO VICENTE E A SUA LITURGIA

por GREGORIUS

II

LITURGIA (Continuação)

B — *O OFÍCIO* (1)

Não se encontra nos mais antigos manuscritos um ofício de S. Vicente em paralelo com a Missa. Nem sequer mencionam a festa do santo os primeiros representantes conhecidos do ofício divino: Antifonários de Compiègne (2), do séc. IX, de Mont-Renaud (Noyon) (3), do séc. X, de Hartker (4), dos fins do séc. X, de Quedlinburg (conservado em Berlim), dos princípios do séc. XI. Acresce que, dentre os antifonários mais recentes, nenhum dos alemães contém o ofício de S. Vicente, sendo igualmente omissos muitos dos restantes. Não existe pois um ofício primitivo.

A partir, porém, do início do séc. XI, é atestado um ofício cujos textos são quase todos tirados das Actas do mártir, já antes mencionadas. Este ofício apresenta-se, como todos os outros, sob duas formas: uma «forma secular», que, em Matinas, é enquadrada por nove antífonas e nove responsórios, e uma «forma monástica», representada por doze antífonas e outros tantos responsórios. A primeira, como veremos, deve ser a forma primitiva.

Eis os manuscritos de que nos servimos para o estudo deste ofício, com a indicação, entre parêntesis, das siglas que, por comodidade, lhe atribuímos:

a) Do ofício secular: Monza c. 12/75, Gradual-antifonário dos princípios do séc. XI (M) (5); Ivreia 106, dos princípios do séc. XI (I) (6); Gerona, San Feliu 20, antifonário catalão do séc. XI (G) (7); Londres, Brit. Mus. add. 30.849, Breviário de Silos, do séc. XII (S_2) (8); Paris, S.^{a} Genoveva 1270 (prov. de Chelles?), dos princípios do séc. XII (Ch) (6); Lucca, P.^{o} Arqu. 5, dos sécs. XII-XIII (L) (6); «Totum» Dominicano (S. Tiago de Paris), do ano de 1254 (D) (8); Braga, B. P. 949, sécs. XV-XVI (B) (9).

---

(1) Devemos a Dom Miguel Huglo, monge de Solesmes, os melhores elementos, tanto documentais como informativos, que nos serviram para o estudo deste ofício. Por eles lhe ficamos particularmente grato.

(2) Migne, P. L. 78, 725ss.

(3) Paléographie Musicale, t. XVI.

(4) Ibid., lère s., t. I.

(5) Colacionado em microfilme. Em Matinas só tem três antífonas e três responsórios.

(6) Colacionado em microfilme.

(7) Colacionado em microfilme. Omite os responsórios.

(8) Colacionado em microfilme. Cotejámos juntamente com este o actual Breviário Dominicano (Db).

(9) Colacionado em fotografias. Cotejámos juntamente com este o actual Breviário Bracarense (Bb).

b) Do ofício monástico: Berlim Theol. qu. 377, Breviário Cluniacense, dos sécs. X-XI (Cl) ([5]); Londres, Brit. Mus. add. 30.848, Breviário de Silos, do séc. XI (S_1) ([6]); Paris, B. N. 12.044 (prov. de St.-Maur des Fossés), dos princípios do séc. XII (F) ([6]); Worcester 161, Antifonário Monástico do séc. XIII (W) ([10]); Breviário Monástico da Abadia de Hyde, do ano de 1300 (H) ([11]); Lisboa, B. N. Ilum. 115, Antifonário de Alcobaça (Santoral), do séc. XIV (A) ([6]).

Todas estas reproduções do ofício têm notação musical gregoriana, excepto S_1 e H, e naturalmente Db e Bb. Delas se pode inferir que este ofício de S. Vicente deve ser dos fins do séc. IX. De facto, nessa época é que principiam a aparecer ofícios em que as melodias seguem a ordem numérica dos modos (1.ª ant.ª, ou 1.º resp.º — 1.º modo; 2.ª ant.ª, ou 2.º resp.º — 2.º modo; etc.) ([12]). Ora o nosso ofício apresenta essa característica nas antífonas, mas não nos responsórios, o que parece indicar que ele foi composto no início do período em que esteve em uso tal processo de composição melódica. É pois natural supor-se que o aparecimento do ofício esteja ligado com a trasladação comemorada em Castro, pois tudo leva a crer que ele foi composto no Sul da França, donde irradiou para o Norte, Inglaterra, Itália e Península Ibérica ([13]).

Tentaremos primeiro determinar quais eram as peças que constituíam o ofício secular primitivo: antífonas, responsórios, etc. Cotejaremos depois esse ofício, textualmente reconstituído, com o ofício actualmente usado entre nós. Falaremos seguidamente das lições de Matinas e, por fim, tentaremos tirar algumas conclusões. Fazemos, contudo, notar desde já que um estudo com base em documentação mais completa poderá trazer algumas rectificações.

AS ANTÍFONAS

O exame do quadro das antífonas deixa poucas dúvidas sobre quais eram as que constituíam o ofício secular e qual a sua ordem:

I Vesps.	Ad Magn. **Sacram hujus**
I Noct.	**Sanctus Vincentius a puericia** **Sanctitate quoque** **Valerius igitur**
II Noct.	**Tanto namque** **Levita Vincentius** **Jam tibi, fili**

([10]) Paléographie Musicale, lère s., t. XII.

([11]) The Monastic Breviary of Hyde Abbey, Winchester, ed. by J. B. Tolhurst, vol. III (Henry Bradshaw Society, Londres 1938).

([12]) Podem ver-se exemplos no Liber Usualis, no ofício do Corpo de Deus, ou nas cinco antífonas de horas solenes da Festa da SS. Trindade.

([13]) Cf. *Novellae Olivarum*, Janeiro de 1957, pgs. 8ss.

III Noct.	Beatus Vincentius cujus
	Nefarium tamen
	Profitemur enim
Laudes	Assumptus ex equuleo
	Intrepidus itaque
	Hinc horrendo
	Agnosce o Vincenti
	Dantur ergo
	Ad Bened. Egregius Dei

Esta relativa regularidade com que a tradição parece haver-nos transmitido as antífonas e a sua seriação deve-se muito provàvelmente à ordem numérica dos modos atrás referida. Como o processo estava na moda, mais raramente se abandonava (14). Uma dúvida apenas subsiste: a antífona do *Magnificat* de II Vésperas. Do quadro se pode verificar: a) que as antífonas marcadas apresentam grande variedade; b) que três das testemunhas mais antigas (M, S, e G), todas do séc. XI, são omissas. Por isto, somos levados a crer que, por motivos que não podemos lobrigar, o ofício primitivo não previa antífona certa para o *Magnificat* de II Vésperas.

OS RESPONSÓRIOS

Aqui, o panorama é bastante menos claro. Enquanto, no esquema das antífonas, as nove primeiras, as do ofício secular, são quase sempre as mesmas, com raras interferências das antífonas supranumerárias do ofício monástico, no esquema dos responsórios, a ordem dos doze monásticos não deixa entrever ao primeiro exame qual a sua ordem primitiva, nem se havia um esquema secular originário, tal é a variedade da distribuição das peças nos diferentes manuscritos. Muito árduo seria o problema, se não tivéssemos um fio condutor nas características melódicas dos mesmos responsórios e dos seus versículos (15).

Em primeiro lugar, poremos desde já de lado os responsórios de uso menos frequente *(Adest namque, Martyr insignis, Meruit esse* e *Vir inclytus)*, quase todos tirados de ofícios mais antigos (S. Dionísio e S. Lourenço). Posto isto, notaremos que, entre os doze responsórios mais frequentes do uso monástico, existem oito com versículo regular (16) (cinco do 1.º modo, dois do 7.º modo e um do 4.º modo) e quatro do 1.º modo com versículo irregular (16) *(Valerius igitur, Christi miles, Gloriosi Domine* e

---

(14) Do quadro também não é difícil deduzir quais seriam as últimas três antífonas do esquema monástico primitivo de Matinas: *In cujus nomine, Beatus Vincentius applicatus* e *Ecce jam.*

(15) Este fio condutor foi-nos apontado por Dom Miguel Huglo.

(16) Os versículos responsoriais do primitivo núcleo romano distribuíam-se por oito melodias-tipos ou tons, correspondentes aos oito modos gregorianos, por se considerarem salmódia ornada. Poderão examinar-se, por ex., em Dom P. Ferretti, Estetica Gregoriana, vol. I (Roma, 1934), pgs. 270-273 (trad. franc. de Dom A. Agaesse, Paris, Tournai, Rome, 1938, pgs. 248-251);

Esta
e (18),
s aos
mbém
ele e
podia

a-nos
r, sob
eram

ofício
io foi
o por
m dos

Quem
t me,
. 377).
le que
s, que

recen-

) (775-

as ant
atrás
Uma
pode
três d
somos
não pı

as no
ferênc
sórios
sua o
distril
tivéss
e dos

quent
dos d
entre
culo 1
1.º m

---

esquer
jam.

dias-ti
ornada
1934),

Pretiosus Martyr), dos quais os três últimos têm, além disso, vocalizo final ([17]). Esta característica e a do versículo irregular constituem sinais de composição recente ([18]), donde se segue que os quatro últimos mencionados responsórios são posteriores aos restantes oito, que devem, por isso, ter constituído o ofício secular. Conclui-se também daqui que este é o ofício primitivo e que o monástico foi depois baseado sobre ele e completado por meio de novas composições, o que já o estudo das antífonas nos podia ter feito suspeitar.

Marcados pois, no quadro dos responsórios, os de composição recente, fica-nos o panorama nitidamente desanuviado, sendo assim possível tentar determinar, sob reserva de rectificações impostas por uma documentação mais completa, quais eram os responsórios primitivos do esquema secular e qual a sua ordem original:

I Noct.	**Sacram praesentis**
	V. Peracto
	Sanctus Vincentius
	V. Sanctitate quoque
	Levita Vincentius
	V. Tibi enim (Gloria)
II Noct.	**Ecce jam**
	V. Insurge
	Assumptus ex equuleo
	V. Intrepidus
	Beatus Dei
	V. Dantur ergo (Gloria)
III Noct.	**Agnosce o Vincenti**
	V. Esto igitur
	Gloriosus Dei
	V. Felici commercio (Gloria)

Ao contrário do que apresenta a quase totalidade das testemunhas do ofício secular, só encontramos pois oito responsórios primitivos. Dir-se-ia que o ofício foi composto contando com o *Te-Deum* a finalizar Matinas, tendo porém prevalecido por então o uso de nove responsórios, para o que foi necessário adoptar pelo menos um dos do esquema monástico.

---

ou então no Liber Usualis (1.º modo: resp. *Seniores* (incompleto), pg. 646; 2.º m.: resp. *Quem vidistis*, pg. 378; 5.º m.: resp. *Hodie nobis caelorum*, pg. 376; 6.º m.: resp. *Tradiderunt me*, pg. 687; 7.º m.: resp. *Beata Dei Genitrix*, pg. 383; 8.º m.: resp. *Hodie nobis de caelo*, pg. 377). Mais recentemente, compuseram-se para os versículos melodias diferentes das tradicionais, de que podemos ver exemplos nos responsórios do Corpo de Deus. São os versículos irregulares, que revelam pois composição mais recente.

([17]) Melisma, ou série de neumas vocalizados numa só sílaba, que, em responsórios recentes, se encontra numa das cinco últimas sílabas.

([18]) Os vocalizos não devem ser anteriores ao primeiro terço do séc. IX: Amalário (775-850) só parece conhecer um caso (Liber de Ordine Antiphonarii; M. L. *105*, 1273 D).

INVITATÓRIO E HINOS

Três invitatórios parecem ter sido usados com mais frequência no ofício nocturno de S. Vicente: *Laudemus Christum Regem; Regem sempiternum; Vincentem mundum.* Esta variedade relativa não abona a hipótese da existência dum invitatório primitivo. Dois manuscritos dos mais antigos (M e S_2) não indicam, aliás, invitatório neste ofício.

Quanto aos hinos, a coisa ainda é mais patente: só alguns dos manuscritos mais recentes marcam determinados hinos, que são quase sempre do Comum ([19]).

O ACTUAL OFÍCIO LISBONENSE

Deixando para o fim o exame das lições de Matinas, parece-nos oportuno passar agora a falar do ofício actualmente rezado em Lisboa e em Faro. Não nos sendo possível estudar a história dos seus textos, limitar-nos-emos, como na Missa, a confrontar o ofício antigo com o nosso actual. Daremos assim o antigo ofício, tentando a sua restituição textual, com a referência das principais variantes em nota, acompanhadas das siglas acima escolhidas ([20]). Paralelamente, transcrevemos o ofício do nosso Próprio. Em ambos se dão as referências das fontes donde foram tiradas as várias peças, na medida em que nos foi possível identificá-las ([21]).

Ofício antigo

I VÉSPERAS

Ad Magnificat

Ant. (8a) **Sacram hujus (a) diei solemnitatem humili celebremus devotione (b): qua invictus Christi Martyr Vincentius tyranno devicto, insignem (c) victoriae palmam (c) caelo (d), gaudens, intulit.**

I NOCTURNO

1. Ant. (1g) **Sanctus Vincentius a puericia, studiis litterarum traditus (e), su-**

Ofício lisbonense

I VÉSPERAS

Ad Magnificat

Ant. **Sacram beati Vincentii solemnitatem devote celebremus, qua invictus Christi Martyr de tyranno insignem victoriam probatus per omnia reportavit.**

I NOCTURNO

1. Ant. **Sanctus Vincentius divina pollens scientia, suscepto diaconi officio,**

(a) presentis, *D;* (b) devotionem, *Ch, L;* (c) insigne... palme, S_1; (d) celos, *L.*
(e) traditus litterarum, *Bb;*

([19]) Não falamos das peças secundárias, tais como o responsório de I Vésperas, os versículos e os responsórios breves: o primeiro não interessa o rito romano e os restantes são omitidos pelos manuscritos mais antigos e tirados do Comum em alguns dos mais recentes.

([20]) Não damos as variantes simplesmente ortográficas, nem as que são erros evidentes de copistas, e adoptamos a grafia corrente.

([21]) Quanto ao ofício antigo, que é tirado quase todo das Actas (A), marcam-se os capítulos e as alturas aproximadas em que se encontram as citações: a(nte), in, c(irca), p(ost), i(nitium, o), m(edium), o), f(inem, e). Podem conferir-se em D. Ruiz Bueno, Actas de los Martires (Madrid, 1951), pgs. 999ss.

Ofício antigo

perna sibi (f) providente clementia, gemina scientia (g) efficacissime claruit. *(A. I, p. m.)*.

2. Ant. (2D) Sanctitate quoque insignis, diaconii arce suscepta, vices pontificis diligenter exsequebatur (h). *(A. I, c. f.)*.

3. Ant. ($3a_2$) Valerius igitur (i) episcopus et levita Vincentius spe fruendi victoria (j) divinitus subnixi, in confessione Deitatis alacriter cucurrerunt (k). *(A. II, p. m.)*.

1. Resp. (7) Sacram praesentis diei solemnitatem humili celebremus devotione, qua (a) invictus Christi Martyr Vincentius, tyranno devicto, * Insignem (b) victoriae palmam caelo (c), gaudens intulit. V. Peracto (d) passionis suae (e) venerando triumpho, Angelorum coetibus (f) comitatur (g). Insignem.

2. Resp. (1) Sanctus Vincentius Christi Martyr, providente superna clementia, quae sibi eum (h) praevidebat vas electionis futurum (i), * Gemina scientia (j) efficacissime (k) claruit. V. Sanctitate quoque insignis, diaconii arce suscepta (l). vices pontificis diligenter exsequebatur (m). Gemina. *(A. I, p. m.)*

3. Resp. (1) Levita Vincentius dixit beato Valerio: Si jubes, Pater sancte, responsis judicem (n) aggrediar. Jam tibi, fili carissime, divini verbi curam (o) commiseram: * Nunc quoque pro fide, qua astamus (p), responsa committo. V. Tibi enim gemina scientia pollenti, ac superni

Ofício lisbonense

vices pontificis strenue exsequebatur. *(A. I, c. f.)*.

2. Ant. Valerius episcopus, et Vincentius levita spe fruendae victoriae alacriter ad martyrium cucurrerunt. *(A. I, p. m.)*

3. Ant. Sicut abundant passiones Christi in nobis, ita et per Christum abundant consolatio nostra. *(II Cor. 1,5)*

1. Resp. Sacram beati Vincentii Martyris solemnitatem devote celebremus, cum invictus Christi athleta insignem victoriae palmam intulit caelo: * Et bravium salutis aeternae comprehendens, coronam justitiae recepit. V. Bonum certamen certavit, cursum consummavit, fidem servavit. Et bravium. (...; *II Tim. 4,7)*

2. Resp. (...) Si jubes, Pater sancte, responsis judicem aggrediar. Jam tibi, fili, divini verbi curam commiseram, * Nunc quoque pro fide, qua astamus responsa committo. V. Magnam jam pridem cum laude, et crediti mihi populi utilitate, meo munere fungebaris. Nunc quoque. *(A. IV, p. i.)*

3. Resp. Tanta grassabatur crudelitas in Martyris corpore, et tanta tranquilitas proferebatur in voce, * Ut Vincentio patiente non is, qui torquebatur, sed alius loqui videretur. V. Tot convicta miraculis persistebat impietas, tot vexata suppliciis non cedebat infirmitas. Ut

---

(f) tibi, *B;* (g) gemina scientie, *I;* (h) exsequebantur, S_2.

(a) devotionem, quia S_1; (b) insigne, S_1, *A;* (c) celos, S_1, *L;* (d) *add.* igitur, *B (2. m.), Bb;* (e) tempore, *Bb;* (f) civibus, *Cl, I,* S_1, S_2, omnibus (?), F; (g) comitatus, *Cl, F, A.*

(h) enim, *D, Db, B, Bb;* (i) futurus, *I,* S_2, futuru, S_1; (j) geminam scientie, I; (k) eficacissima, *Bb;* (l) susceptus, *M;* (m) vices... exsequebatur, *deest in I.*

(n) Judicis, *M;* (o) curam verbi, S_2; (p) stamus, *M, Ch, L, W;*

Ofício antigo	Ofício lisbonense
amoris igne (q) ferventi, caelestis olim (r) doctrinae ministerium delegavi (s). Nunc quoque. Gloria. Nunc quoque *(A. IV, p. i.)*	Vincentio. Gloria. Ut Vincentio *(S. Aug., III Serm., cp. II; M. L. 38, 1256; ibid., cp. I)*
II NOCTURNO	II NOCTURNO
4. Ant. (4E) Tanto namque feliciores se (a) esse credebant, quanto acriora tyranni supplicia pia longanimitate certassent evincere. *(A. II, a. f.)*	4. Ant. Levita Vincentius beato Valerio dixit: Si jubes, Pater sancte, responsis judicem aggrediar. *(A. IV, p. i.)*
5. Ant. (5a) Levita Vincentius dixit beato Valerio: Si jubes, Pater sancte, responsis judicem aggrediar. *(A. IV, p. i.)*	5. Ant. Jam tibi, carissime fili divini verbi curam commiseram, nunc quoque pro fide, qua astamus, responsa committo. *(A. IV, a. m.)*
6. Ant. (6F) Jam tibi, fili carissime, divini verbi (b) curam commiseram: nunc quoque pro fide, qua astamus (c), responsa committo. *(A. IV, a. m.)*	6. Ant. Omne, quod natum est ex Deo, vincit mundum, et haec est victoria, quae vincit mundum, fides vestra. *(I Jo. 5, 4)*
4. Resp. (4) Ecce jam in sublime agor (a) et omnes principes tuos, saeculo altior (b), tyranne, despicio (c): nolo gloriam meam minuas, nec damna inferas laudi (d): * Paratus sum enim (e) ad omnia tormenta pro Salvatoris (f) nomine sustinenda. V. Insurge ergo, et toto (g) malignitatis (h) spiritu (i) debacchare; videbis me Dei virtute plus posse (j) quam possis ipse, qui (k) torques. Paratus (l). *(A. V, p. i.)*	4. Resp. Ecce jam in sublime agor, et omnes principes tuos, saeculo altior, tyranne, despicio: nolo gloriam meam minuas, nec damna laudi inferas: * Paratus sum enim ad omnia tormenta pro Salvatoris nomine sustinenda. V. Insurge ergo et (...) videbis me Dei virtute plus posse, dum torqueor, quam possis ipse, qui torques. Paratus. *(A. V, p. i.)*
5. Resp. (7) Assumptus ex (m) equuleo levita Vincentius, atque ad patibulum raptus, tortores suos pene (n) praeveniens (o), * Moras carnificum arguendo	5. Resp. Ardebat Vincentius extrinsecus tyranni saevientis incendiis; * Sed major illum intrinsecus Christi amoris flamma torrebat. V. Intrepidus Dei

(q) igne amoris, Bb; (r) Dei, *I*, S_2, doctrine celestis olim, *W*, enim *(pro* olim), S_1;
(s) diligunt, S_1, ministerio delegasti, *M*.
(a) *deest in Bb.*
(b) divinis verbis, *M;* (c) stamus, *M, Ch, L. W.*
(i) itaque, S_1; (j) victorie, *G, Ch;* (k) concurrerunt, *B, Bb.*
(a) ago, S_1; (b) *omm. H;* (c) despicior, S_1; (d) laudis, *Cl, I, L;* (e) enim sum, *H;* (f) Salvatore, S_2; (g) tota, *Ch, L;* (h) *add.* tue, *I, A;* (i) spiritus, *Ch,* malignitate spiritum, S_1; (j) *add.* dum torqueor, *Cl, D, W, H, A, B;* (k) dum, *I, A;* (l) Nolo, *Cl,* S_1, *H.*
(m) est, *I;* (n) ad penam, *Cl,* penam, *I;* (o) proveniens, S_1;

Ofício antigo	Ofício lisbonense
ad poenam (p) alacriter properabat (q). V. Intrepidus itaque Dei (r) athleta candentis ferri machinam (s) ultro conscendit (t). Moras carnif.cum. *(A. VII, c. m.)*	athleta candentis ferri machinam ultro conscendit. Sed major. *(...; A. VII, c. m.)*
6. Resp. (1) Beatus Dei athleta Vincentius horrendo clausus ergastulo carceris, psalmum Deo et hymnum, Angelorum frequentia relevatus (u), laetus dicebat: * Quorum vallatus caterva (v), venerando (x) fovebatur obsequio (x), et mulcebatur alloquio (x). V. Dantur ergo (y) laudes Deo altissimo, et resonante organo vocis angelicae (z), modulata suavitas, procul diffunditur. Quorum vallatus. Gloria. Quorum vallatus. *(A. VIII, c. m.; p. m.)*	6. Resp. Custodivit illum Dominus ab inimicis, et a seductoribus tutavit illum, et certamen dedit illi, ut vinceret: * Et sciret quoniam potentior est sapientia. V. Descenditque cum illo in foveam, et in vinculis non dereliquit eum, et dedit illi claritatem aeternam. Et sciret. Gloria. Et sciret. *(Sab. 10, 12; ibid. 13-14)*
III NOCTURNO	III NOCTURNO
7. Ant. (7a) Beatus Vincentius cujus jam mens conscia (a) coronae (b), dixit Daciano: Hactenus a (c) te habitus sermo de neganda (d) fide peroravit. *(A. IV, p. i)*	7. Ant. Applicatus tormentis beatus Vincentius (...) dixit: Hoc est quod semper optavi, et votis omnibus exquisivi. *(A. V, p. i)*
8. Ant. (8G) Nefarium tamen apud Christianorum prudentiam (e) esse cognosce (f), Deitatis cultum (g), abnegando, blasphemare. *(A. IV, a. m.)*	8. Ant. Beatus Vincentius ad Dominum transmisit spiritum, et divinas laudes resonant caelites.
9. Ant. (1g) Profitemur enim Christianae religionis nos esse cultores ac unius veri Dei, permanentis in saecula, famulos et testes. *(A. IV, c. m.)*	9. Ant. Decantaverunt justi nomen tuum, Domine, et victricem manum tuam laudaverunt pariter. *(Sab. 10, 20)*
7. Resp. (1) Agnosce, o Vincenti invictissime, (a) pro cujus nomine fideliter decertasti: * Ipse tibi coronam praeparatam servat in caelis, qui te fecit victorem	7. Resp. Beatus Christi athleta horrendo clausus ergastulo, Angelorum frequentia, et luminis claritate relevatus, hymnum canebat: * Ac divina vallatus

(p) penas, S_2, *H;* (q) properare, *I;* (r) diei, S_1; (s) machina, S_1; (t) conscendens, *Cl*, S_1, *F, B, Bb.*

(u) revelatus, S_1, *Ch, L, B;* (v) catervis, *I;* (x) veneranda ... obsequia ... alloquia, S_1; (y) hinc, *Ch,* huic, *L,* ergo huic, S_1, *B, Bb;* (z) angelice vocis, S_1, *A, B, Bb.*

(a) *add.* erat, *Cl, I, W, A, Bb;* (b) corona, S_2; (c) ad, *Cl, G, I, L;* (d) negando, S_1. (e) prudentia, *G;* (f) consignans, *Ch,* agnosce, *W;* (g) cultu, *G.*

(a) *add.* quia, *B (2. m.), Bb;*

Ofício antigo

in poenis. V. Esto igitur jam (b) securus de praemio, (c) quia mox, deposito onere carnis (d), nostro eris addendus collegio. Ipse. *(A. VIII, p. m.)*

8. Resp. (1) Gloriosus Dei amicus Vincentius, Jesu Domini confessione fundatus inter tormentorum supplicia stetit imperterritus. * Ac demum, triumphali morte insignis, caelos petivit sanguine laureatus. V. Felici commercio, pro terrenis caelestia, pro peritur;s aeterna commutans. Ac demum (e). Gloria. Ac demum.

LAUDES

1. Ant. (1g) Assumptus ex (a) equuleo levita Vincentius, atque ad patibulum raptus, moras carnificum arguendo ad poenam (b) alacriter properabat. *(A. VII, a. m.)*

2. Ant. (1f) Intrepidus itaque *(c)* candentis ferri machinam ultro conscendit (d), ac manens immotus erectis in caelum luminibus (e), Dominum (f) precabatur. *(A. VII, c. m.; in f.)*

3. Ant. (4E) Hinc, horrendo carceris clausus ergastulo, Dei athleta Angelorum venerando fovebatur obsequio, et mulcebatur alloquio. *(A. VIII, c. m.)*

4. Ant. (3a) Agnosce, o (g) Vincenti invictissime, quia pro cujus nomine (h)

Ofício lisbonense

gratia angelico fovebatur obsequio. V. Agnovit Vincentius invictissimus pro Christi nomine decertasse, (...) mox deposito onere carnis, almis coetibus se esse addendum. Ac divina. *(A. VIII, c. m.; p. m.)*

8. Resp. Cognito sancto ejus abscessu, judex insanus feris et canibus invicti Martyris corpus projici mandat lictoribus; sed mittitur avis inimica cadaveribus, expositas dapes servatura jejuna: * Ut majoris victoriae Vincentio gratia conferatur. V. Datur nautis mergendum corpus in fluctibus: sed qui spiritum intulerat in caelum, mox retulit ad sepulcrum. Ut majoris. Gloria. Ut majoris. *(Sermo S. Leandro trib.; M. L. 54, 503; ibid., 504)*

LAUDES

1. Ant. Vincenti dabo edere de ligno vitae, quod est in Paradiso Dei mei. *(Ap. 2, 7)*

2. Ant. Vincenti dabo manna absconditum, et dabo illi calculum candidum. *(Ap. 2, 17)*

3. Ant. Qui vicerit, et custodierit usque in finem opera mea, dabo illi potestatem super gentes. *(Ap. 2, 26)*

4. Ant. Qui vicerit faciam illum columnam in templo Dei mei. *(Ap. 3, 12)*

(b) *omm.* S_1; (c) qui per tormenta passionis eternam meruisti gratiam et sempiternam coronam, *sic concl. I;* (d) carnis onere, *Bb;*
(e) celos, S_1, *F, Ch.*
(a) est, *M;* (b) penas, *L, W.*
(c) atque, *Bb;* (d) conscendens, *Cl, G, F, A, B, Bb;* (e) manibus, S_1; (f) omm. S_1.
(g) *omm.* S_1; (h) amore, S_2;

in p
de p
carni
Ipse.

8
centi
tus.
impe
mort
laure
renis
comr
demi

1
levit
raptu
poen
a. m
2
denti
dit (
caeli
caba
3.
claus
vene
batu
4
invic

---

coror

Ofício antigo	Ofício lisbonense
fideliter decertasti, ipse tibi coronam praeparatam servat in caelestibus (i). *(A. VIII, p. m.)*	
5. Ant. (8G) Dantur ergo laudes Deo altissimo et, resonante organo vocis Angelicae, modulata suavitas procul diffunditur. *(A. VIII, p. m.)*	5. Ant. Qui vicerit, dabo ei sedere mecum in throno meo, sicut et ego vici, et sedi cum Patre meo in throno ejus. *(Ap. 3, 21)*
Ad Bened. Ant. (8G) Egregius Dei Martyr Vincentius, diris tormentorum suppliicis pro Christo alacriter superatis *(j)*, ac felicis (k) pugnae agone constanter expleto: tandem pretiosam (l) resolutus in (m) mortem (n), caelo triumphans (o) spiritum reddidit. *(A. IX, p. i.)*	*Ad Bened.* Ant. Beatus Vincentius, cum in ligno suspensus dilaniaretur, Daciano dixit: Ecce jam in sublime agor, et omnes principes tuos saeculo altior, tyranne, despicio, paratus ad omnia pro Salvatoris nomine sustinenda. *(A. V, p. i).*
	II VÉSPERAS
	Ad Magn. Ant. Jubet invida mens lenioris strati fulcra substitui, quasi non eum poena peremerit, cum quo et poena simul perierat. Interea beatum Vincentium caelestis aula suscipit; ad cujus ingressum angelici laetantur spiritus, omnesque simul concives gratulantur Sancti. *(Sermo S. Leandro trib.; M. L. 54, 503)*

Eis o que se nos oferece observar acerca destes textos:

1 — As antífonas e os responsórios do ofício antigo são tirados quase integralmente das Actas de S. Vicente, guardando uma certa ordem.

2 — O ofício do nosso Próprio é visìvelmente decalcado no ofício antigo, mas com larga margem de liberdade:

a) As peças ou passagens que, por coincidirem com os textos tradicionais, vão em tipo negro mostram essa dependência. Nem se diga que tal coincidência se poderia explicar apenas por terem sido ambos os ofícios tirados da *Passio* do santo diácono. De facto, há indícios de que não bastaria semelhante explicação:

b) Textos com a antífona do *Magnificat* (I Vésperas) e o 1.º Responsório não

---

(i) caelis, *Bb*.

(j) superatus, *Cl, M, S_1, S_2, G*, superasti, *Ch;* (k) felici, *S_1, S_2;* (l) preciosa, *Cl, M, S_2, H, A, B, Bb*, preciosum, *G;* (m) est, *M;* (n) morte, *Cl, M, G, H, A, B, Bb;* (o) triumphat, *M. S_1*.

parecem depender literàriamente das Actas e, embora modificados, são substancialmente os mesmos e ocupam o mesmo lugar nos dois ofícios;

c) Diversas antífonas, como *Levita Vincentius* e *Jam tibi* (II Noct.), e o resp. *Ecce jam* ocupam sensìvelmente a mesma posição e as suas diferenças textuais são mínimas ou nulas, nos dois ofícios. E há pormenores curiosos como o facto de o 5.º Responsório, diferente nos dois esquemas quanto à primeira parte, ter o mesmo versículo *(Intrepidus Dei)*, o que, dada a conhecida variabilidade dos versículos responsoriais e sobretudo a liberdade bem patenteada no nosso ofício, é deveras sugestivo;

d) As coincidências são, na realidade, mais numerosas do que parece à primeira vista. Assim por ex., o resp. *Beatus Dei (Christi) athleta,* que é o sexto no antigo ofício e o sétimo no nosso, é igualmente o sétimo em alguns representantes do antigo, como S_2, *Ch, W, D e B.* Por outro lado, no nosso ofício, a 7 Ant. de Matinas e a do *Benedictus* devem depender de antífonas muito semelhantes do ofício antigo, mas próprias do esquema monástico e, por isso, aqui não reproduzidas.

3 — Quem organizou o nosso ofício usou de singular liberdade no aproveitamento dos textos antigos, aparentemente com a preocupação de os encurtar e de lhes melhorar a forma literária (22). Com esses retoques, as peças afastaram-se do texto das Actas, pelo menos daquele que é dado pelas edições correntes.

4 — Os encurtamentos ou supressão de peças parecem ter obedecido ao desejo de introduzir outras peças, tiradas da S.ª Escritura, ou das obras de S. Agostinho (23). O quinário antifonal de horas solenes, tirado do Apocalipse, é deveras interessante.

(Continua)

N. B. — *No artigo anterior* (Novellae Olivarum, *Fevereiro de 1957) pág. 37, corrigir na primeira linha do texto:*

Conta um liturgista neerlandês do séc. XIV, Raul de Tongres

---

(22) Manifestou-nos há anos um ilustre sacerdote a opinião de que o nosso ofício de S. Vicente se deveria aos Cónegos Regrantes de S.ª Cruz, de Coimbra. A hipótese precisa de confirmação documental, mas torna-se mais verosímil para quem estuda certas peças de outros ofícios próprios portugueses, que é natural atribuirem-se àqueles religiosos. Nelas se verifica, efectivamente, a mesma estranha liberdade em modificar e mutilar os textos litúrgicos tradicionais. Comparem-se, por ex., os responsórios 3.º, 7.º e 8.º de S. Teotónio (18 de Fevereiro), respectivamente com o resp. 3.º do Comum dos Confs. Não Ponts., o resp. 5.º de S. Martinho (11 de Novembro) e o resp. 6.º daquele Comum; ou os resp. 2.º e 7.º de S.ª Isabel (4 de Julho) com o resp. 7.º do Comum das não Virgens.

(23) O nosso 8.º Resp.º é tirado dum sermão modernamente atribuído a S. Leandro, mas que outrora se atribuía também a S. Agostinho. Cf. *Novellae Olivarum,* Janeiro de 1957, pg. 2.

O ANO CINEMATOGRÁFICO (1956)

Depois de passados 20 anos sobre a publicação da notável Encíclica de Pio XI sobre o Cinema, é sumamente grato verificar que o interesse da Igreja pelos problemas cinematográficos não diminuiu. Mais. Esse interesse vem crescendo contínuamente, sendo já uma preocupação constante no coração do seu próprio chefe. Já o ano passado, ao escrever esta pequena crónica, o acentuámos. A sua vigilância, neste campo, é extraordinária.

Sabe bem, decorridos tantos anos, ler aquele documento a que com razão se tem dado o nome de «Carta Magna do Cinema». Os problemas que nela se ventilam ainda não perderam a actualidade. São mais actuais até, porque o cinema invadiu todo o nosso mundo. A importância deles é manifestamente maior, o que torna a leitura da «Vigilanti Cura» muito proveitosa. Há a notar, todavia, que não foi este o único documento emanado da Santa Sé relativo aos problemas cinematográficos. Têm-se vindo sucedendo uns aos outros até chegar aos discursos notabilíssimos que o actual Pontífice proferiu em 21 de Junho e 28 de Outubro de 1955.

Neles, há uma corrente contínua emanada de «Vigilanti Cura».

Antes de mais, a Igreja tem consciência do importante lugar que o cinema ocupa no mundo moderno. Julgo que é da máxima utilidade referir aqui as palavras de Pio XI na já citada Encíclica: «é indiscutível que entre os divertimentos modernos, o cinema conquistou nos últimos anos um lugar de primordial importância. Contam-se aos milhões as pessoas que diàriamente assistem às representações cinematográficas; vão-se abrindo, de cada vez em maior número, salas para tais espectáculos entre todos os povos da terra, qualquer que seja o seu grau de cultura; enfim, o cinema transformou-se na mais vulgar maneira de divertimento para os momentos de ócio, tanto para os ricos como para os pobres. Por outro lado, não existe hoje mais poderoso meio que o cinema para exercer influência nas multidões, quer pela própria natureza das imagens projectadas na tela, quer pelo carácter popular do espectáculo, quer pelas circunstâncias de vária ordem que o acompanham». Isto disse-o um homem clarividente a quem os contemporâneos olharam com certa desconfiança. Mas a nossa própria experiência nos convence de que estas palavras em nada são exageradas.

Pio XII, não menos conhecedor das necessidades e problemas actuais, exprime-se assim: «o extraordinário poder do cinema na sociedade contemporânea evidencia-se na sede crescente que a sociedade manifesta, a qual, posta em números, constitui acontecimento nunca visto».

Essa influência é particularmente intensa na alma dos jovens. Qual a razão? Encontramo-la ainda em Pio XI: «porque é na idade em que nasce e se robustece o senso moral, em que os princípios da justiça e da probidade se radicam no espírito, em que a noção do dever surge na consciência e em que o ideal exerce a sua acção

na vida para a orientar definitivamente, que o cinema põe em jogo todo o seu poder e obtém o máximo de eficácia».

Se o cinema exerce no nosso mundo influência tão extraordinária a que se deve este facto? Pio XI dá-nos conta das imensas possibilidades de comunicação por parte da imagem. Diz algures «que o poder do cinema está, principalmente, em que ele comunica-se e fala por meio duma imagem viva e concreta e por isso penetra na alma com prazer e sem fadiga, ainda que seja a alma mais rude e primitiva, que não tem capacidade nem sequer o desejo de exercer o esforço de abstracção e dedução que acompanham o raciocínio». Em vários discursos Pio XII mostra-se profundo conhecedor das técnicas psicológicas que o cinema põe em jogo.

Até agora apenas apontamos testemunhos, é certo de pessoas com grande responsabilidade. Mas o caso é que alguém poderia pensar que o interesse dos Papas por estes problemas era pessoal e não incarnava de maneira nenhuma o modo de sentir de toda a Igreja. Não acontece, de facto, assim. Passada a 1.ª época em que o cinema foi mal visto por todos — logo os elementos de responsabilidade adentro da Igreja o olharam com confiança.

São provas disso, as recentes cartas pastorais de 2 bispos do continente americano.

PASTORAIS DE DOIS BISPOS AMERICANOS

Sua Eminência o Cardeal D. Manuel Arteaga Betancourt, Arcebispo de Habana (Cuba), publicou, em 2 de Outubro de 1956, uma notável pastoral, preparatório dos trabalhos do Congresso do O. C. I. C., realizado nessa cidade em Janeiro deste ano. Nela, o Eminente Purpurado faz notar «a influência incomensurável» do cinema no mundo. Diz a certa altura: «o cinema é um acontecimento próprio do nosso século, que, ao mesmo tempo que proclama os progressos da técnica, influi na vida espiritual e moral dos povos. O simples facto de no nosso país haver 549 salas de cinema (35 mm) e 205 salas (16 mm) e tendo em conta que a média anual da ida ao cinema por pessoa é de 12 vezes, nos mostra a incalculável importância deste divertimento». E mais adiante, nota Sua Eminência: «Há que reconhecer e afirmar de todos os modos que o cinema é um instrumento de singular força, servindo tanto para o nobre como para o que o não é. Temos de reconhecer também que é de nós que depende o ser utilizado para a perfeição humana e social».

INQUIETAÇÃO E CONFIANÇA

A Igreja, pela voz da hierarquia, tem nos dado provas mais que suficientes de que compreendeu o lugar que o cinema ocupa no conjunto dos valores humanos. Mas mais precisamente, qual é a atitude que manifesta perante este facto? A sua atitude não é simplesmente de inquietação pela sorte de tantas almas a quem o cinema faz perder o desejo do que é belo. É a um mesmo tempo de inquietação e confiança. Ela crê no alto contributo do cinema para um mundo melhor. Vê, por outro lado, também, que o cinema tem produzido estragos enormes. Há portanto que lutar para o cinema corresponder às exigências de verdade, de bem e de belo que o coração humano encerra. A este propósito, a pastoral do Arcebispo de Habana é elucidativa,

não deixando lugar para dúvidas. «Não é justo que nos contentemos apenas com deplorar os estragos do cinema banal, amoral e lúbrico; o dever e a caridade exigem que na medida das nossas forças contribuamos para a cristianização de arte tão universal e poderosa». E justamente a acção a que já Pio XI se referia, na Encíclica «Vigilanti Cura» e de que são eco estas palavras, fez-se e continua a fazer-se. O já citado documento do bispo cubano, dá-nos conta das várias iniciativas do Centro Católico de Orientação Cinematográfico, nesse país. «Com viva satisfação podemos afirmar que o nosso centro de cinema é considerado como um dos melhores do mundo, por sua actividade incansável, por sua eficiência e por suas iniciativas e realizações. Pedimos a todos os homens e mulheres de boa vontade que colaborem com o Centro neste lento mas perseverante trabalho de criação dum cinema de inspiração cristã e de critério recto. Para esse fim, Nós mesmos instalámos no nosso Palácio uma sala de cinema para que o clero diocesano esteja em condições vantajosas de orientar os seus fiéis na interpretação e no juizo recto das películas». E é curioso notar que Sua Eminência não desconhece o real valor que o cine-clubismo tem nesse campo, «porque o cinema tem a sua linguagem própria, seus sinais e símbolos de comunicação». «Esperamos, diz, que a técnica educadora e formativa dos cine-clubes se organize e desenvolva sobretudo nos meios académicos, tão necessitados desta orientação». Sua Eminência, depois de ter passado em revista o problema tão importante da colaboração dos católicos com todos os que entram na produção dos filmes, exprime o desejo tão patriótico, mas ao mesmo tempo tão cheio de significado da criação dum cinema nacional. «Sentiríamos grande prazer, se se intensificassem os esforços para conseguir uma produçao nacional de filmes, um cinema que se inspirasse na nossa história tão brilhante, na nossa música, no nosso folclore, na nossa paisagem e que, sendo autênticamente cubano, alcançasse, ao mesmo tempo, valor universal».

O XX ANIVERSÁRIO DE ENCÍCLICA — EM LIMA

Por ocasião da celebração em Lima do XX aniversário da «Vigilanti Cura», o Arcebispo desta diocese dirigiu aos seus fiéis uma carta pastoral. Nela se chama a atenção para a actualidade e urgência do problema cinematográfico no grande país do Perú. Sua Ex.ª Reverendíssima estuda numa 1.ª parte a contribuição positiva da Igreja Peruana em favor do cinema, enumerando várias realizações dos últimos anos. Refere-se à criação do Centro de Orientação Cinematográfico, à Semana Internacional do Cinema que teve lugar em 1954, às jornadas dos educadores, à União Latino-Americana de distribuição e produção de filmes e por fim à educação fílmica. Nesta, é com alegria que enumera os «ciclos de formação», as sessões de Cine-Forum e Cine-Clube e a terminar, os cursos em realização no Seminário de Toribio.

Numa 2.ª parte expõe largamente as aspirações de todos os católicos em face do cinema. É assim que lança um apelo aos produtores no sentido de melhorarem as suas películas, o que seria fonte de bens para o público e para eles. Tem uma palavra especial para o cuidado com que se deve fazer a publicidade, terminando por estas

palavras sintomáticas: «Temos de nos convencer de que o cinema não é uma coisa má, ainda que seja perigosa. É uma obra de Deus que pode servir para a Sua maior glória se se utiliza rectamente».

OUTROS FACTOS

O XX aniversário da «Vigilanti Cura» foi celebrado em quase todas as nações do mundo. As revistas da especialidade dedicaram-lhe largos números, houve sessões comemorativas do facto, em vários pontos.

Em Portugal, o jornal católico «Novidades» consagrou a sua página literária de 23 de Novembro de 1956 a assuntos de cinema, subscritos por um grupo de Seminaristas do Seminário dos Olivais.

O interesse pelo cinema nos meios católicos, é cada dia maior. O Congresso Nacional do Apostolado dos Leigos, que se realizou em Bruxelas (Bélgica), dedicou uma das suas sessões às técnicas de difusão: Cinema, Imprensa, Rádio e Televisão. Nas duas reuniões que lhes foram consagradas trataram-se dos temas seguintes: «Quais as atitudes do cristão perante as técnicas de difusão?» e «Pensa-se empregar estas técnicas como meios de educação cristã e apostólica? Como se poderá fazer?».

NA AMÉRICA

Ainda na mesma ordem de ideias e respondendo às perguntas formuladas em Bruxelas, dizem-nos dos Estados Unidos que nesse país propagam «o terço em família» 417 postos do «Mutual Broadcasting System». Nestes programas colaboram perto de 200 artistas de Hollywood.

Na América, ainda, há um outro facto a salientar. É que a Legião da Decência continua a exercer bastante proficuamente a sua missão. Como noticiaram alguns jornais, faleceu, durante o ano transacto, Monsenhor John Noel, Bispo de Forte Wayne, fundador da Legião da Decência. Sua Ex.ª Reverendíssima que contava 71 anos, era presidente da Comissão Nacional do Espiscopado. Além da obra grandiosa que desenvolveu no campo do cinema, uma outra, não menos notável, sobressai — a desenvolvida no campo da imprensa católica. Fundou o jornal «Our Sunday Visitar» e a Revista «Family Digest».

Referi-me atrás aos programas católicos emitidos pela «Broadcasting System», por iniciativa do Padre Patrick Payton. Este mesmo sacerdote encarregou uma equipa de realizadores de Hollywood, à frente da qual se encontra Breen Júnior, de fazer uma série de filmes, de meia hora cada um e relativos aos mistérios do Rosário. É curioso notar que muitos dos técnicos norte-americanos que se encontram em Madrid a realizar os filmes pedidos pelo Padre Payton não são católicos. Esta empresa arriscada, mas de tanta projecção, foi iniciada sob a protecção especial de Deus. O Padre Payton pediu a uma religiosa de determinado convento espanhol as suas orações e

sacrifícios para que esta iniciativa se não perdesse e para que os seus frutos fossem abundantes. Essa religiosa, num rasgo de heroísmo e dedicação, ofereceu a sua vida pelos bons resultados de tão melindrosa empresa. Deus parece ter aceite o sacrifício dessa alma, pois em breve a veio buscar.

TEMAS BÍBLICOS

Os temas bíblicos e evangélicos estão a ser aproveitados por muitíssimos realizadores. É assim que Filippo Del Giudice, o inesquecível produtor de Hamlet e Henrique V, está em Milão a financear um filme sobre as paráboas do Evangelho. O guião é da autoria do neo-convertido escritor inglês, Bruce Marshal.

Como reflexo ainda do notável interesse que ùltimamente se manifesta no mundo cristão à volta da Bíblia, apareceu um filme sobre os Evangelhos, exibido em Outubro, na Biblioteca Vaticana.

Depois do filme sobre a «noite de Páscoa», Chartier tenciona fazer um outro sobre a Semana Santa. Dentro do tipo de produção comercial, reapareceram «Os Dez Mandamentos» de Cecil B. de Mille.

ACÇÃO «EM CONJUNTO»

A acção coordenada de todos os elementos é indispensável para uma renovação total do cinema. Mais do que em qualquer outro campo da actividade humana, aqui se verifica em toda a sua plenitude o célebre adágio do nosso povo: a união faz a força. Assim o entenderam os membros da Federação dos Conselhos dos Filmes da Província do Ontário (Canadá), ao decidirem fundar uma cinemateca de filmes religiosos. Esta Federação conta fazer circular os filmes religiosos entre os diferentes grupos seus filiados.

Na Argentina, Monsenhor Manuel Marengo, Bispo Auxiliar de Santa Fé, conseguiu em 3 anos de trabalho organizar uma «Rede de Cinemas do Litoral». A empresa conta já com 25 salas e qualquer delas pode competir com as melhores do género. A programação é feita pela mesma organização, a qual reserva certos dias para programas totalmente dedicados às crianças. Econòmicamente as salas funcionam como qualquer outra empresa comercial.

ENTRE OS ACTORES

A acção da Igreja entre os actores não vai deixando de fazer-se sentir. É assim que durante o ano passado converteu-se ao catolicismo o talentoso actor Alec Guiness A sua actuação no «Prisioneiro» fê-lo ler muito sobre a Igreja para melhor interpretar a figura do Cardeal Mindzenty. Esse estudo deixou nele uma impressão profunda, o que o levou a abraçar o catolicismo. É com alegria que se refere que a actriz Katherine Grant abandonou o protestantismo para se fazer católica.

O O. C. I. C. (Office Catholique International du Cinéma) não efectuou em 1956 o seu tradicional Congresso. Reservou-o para os primeiros dias deste ano (3 a 9

de Janeiro) tendo-se realizado em Cuba. O ano que passou não foi, como poderia parecer, um ano de inactividade. Foi, de facto, um ano de grande trabalho, sobretudo na preparação deste Congresso. O programa do Congresso compreendia os temas seguintes:

«A posição dos católicos nos agrupamentos de cultura cinematográfica; o recrutamento e a formação dos animadores; papel dos agrupamentos de cultura cinematográfica no desenvolvimento espiritual, moral e intelectual».

SEMANAS DE ESTUDOS NO BRASIL

É já conhecida a palavra do notável filmólogo André Ruszhowski: «é um axioma já estabelecido que o educador não pode desinteressar-se do cinema». É idêntico o pensar dos participantes no Congresso de Madrid (1952), ao exprimirem este voto: «que os futuros sacerdotes encontrem no Seminário e em outros centros de formação possibilidades de se iniciarem na filmologia, segundo as directivas da Encíclica». E foi num clima de rara consciência do dever que se organizou no Seminário Jesuita de Cristo Rei (Brasil) uma semana de estudos cinematográficos — iniciativa que não é única no mundo mas que é de esperar que se alargue o mais depressa possível a todos os Seminários.

PRÉMIOS DO OCIC

Ao lado de uma atitude de vigilância aos maus filmes, a Igreja não cessa de encorajar a produção artística e moralmente boa. O grande prémio anual do O. C. I. C., a que preside o Cónego Jean Bernard, foi atribuído ao filme de Peter Glenville «o prisioneiro», de que atrás fizemos menção ao falar de Alec Guiness, o protoganista. Nos festivais de Cannes e Veneza foram atribuídos os prémios aos filmes: «Il Tetto», de Vittorio de Sica e «Calabuig», de Garcia Verlanga.

EM PORTUGAL

Reservamos para último lugar as notícias referentes à actividade dos católicos portugueses, já por ser de bom tom, já por necessitarem de melhor exame. Houve durante o ano findo, trabalho ou pelo menos alguma preocupação em resolver os graves problemas que nos rodeiam? A resposta é difícil. Se fôssemos pessimistas, diríamos que o problema ainda não foi encarado como devia. Mas como somos optimistas, porque cristãos — o cristão é o homem que espera contra toda a esperança — a nossa resposta é esta: fez-se alguma coisa; está-se longe do máximo ou se se prefere, ainda muito perto do mínimo.

CINE-CLUBES CATÓLICOS

Durante o ano que passou apenas se fundaram 2 cine-clubes, um dos quais, infelizmente, ainda não iniciou as suas actividades. Um deles, o C. C. C., nasceu da dedicação generosa e total de alguns jovens universitários à causa da Igreja. A divisa que adoptaram elucida-nos sobre o fim que se propõem: «Cine-clube de Universitários para uma cultura cinematográfica cristã». O que eles pretendem é fazer «des-

cobrir na humildade e na paciência a todos os cristãos, os valores autênticos do cinema». Durante o 1.º ano de actividades, que iniciaram em Novembro, tencionam apresentar filmes seguindo quanto possível este esquema: «nas 4 primeiras sessões: — a alegria de viver — as virtudes naturais: a infância, a alegria, a simplicidade e a naturalidade. Da 5.ª à 9.ª sessão: — o mal no mundo — a solidão, a violência, o amor adúltero, a guerra, o desespero. Da 10.ª à 14.ª sessão: — o mistério e a graça — o mistério da criação, o mistério do nosso destino, o mistério da comunhão dos santos, o mistério do pecado e o mistério da santidade».

Na mesma linha de compreensão e de dedicação surgiu um outro cine-clube — o Cine-clube Católico de Lisboa. Pretende ele ser «uma resposta franca e desassombrada à voz da Igreja». Para isso procurará «interessar vivamente os seus sócios pelo que diz respeito à arte cinematográfica, tendo em vista a orientação da Igreja; depois, colaborar por todos os meios ao seu alcance na elevação moral e técnica da indústria cinematográfica nacional, dando o seu apoio quando for oportuno; finalmente, organizar sessões de cinema, acompanhados de conferências ou da distribuição de impressos com notas explicativas».

Movidos pelo grande desejo de serem úteis à Igreja no apostolado cinematográfico, reuniram-se em Agosto, em Fátima, um grupo de seminaristas do Seminário dos Olivais, conjuntamente com alguns universitários, para estudarem aspectos cristãos do cinema. Nessas reuniões mais uma vez se patenteou a falta duma acção dos católicos portugueses. Há necessidade urgente de fazer uma acção positiva no nosso meio. E é tanto mais urgente quanto as iniciativas tomadas não correspondem às enormes exigências e responsabilidades do nosso nome de «católicos». Urge, portanto, iniciar uma acção à qual a Igreja nos convida, há já 20 anos. «É hora de nos levantarmos do sono». Se não fizermos a obra de Jesus, «o homem, inimigo», do Evangelho, a fará.

Mas já não será a obra de Jesus — será a sua obra. O mundo é dos que o conquistam. E só os discípulos de Cristo têm o direito e o poder de o conquistar. Mas há valores humanos que ainda não foram conquistados. E o cinema é um deles. Não podemos erguer o homem até à comunhão com Deus, se não tivermos em devido apreço os valores humanos que ele assume. Só na medida em que o homem se humanizar, é que estará apto a divinizar-se. E quem é que não vê no cinema o meio mais extraordinário da humanização do homem? Mais: Quem não vê nele um meio prodigioso de comunicação do sobrenatural? O Cinema é um bem tão extraordinário que não pode ser desprezado por nós. A Igreja, como vimos, confia nele. E nós? O futuro o dirá.

ARTUR DE LEMOS

Escravatura Branca

Carta duma:

«... por necessidade de afeição deixei-me arrastar por um médico com quem trabalhava. Ele é que me perverteu. Começou por abafar em mim, à custa de teorias pseudo-científicas, tudo o que me restava de convicções religiosas e morais, persuadindo-me que devia aproveitar da vida e viver em plenitude. Esfumou-me os remorsos e desencadeou todas as minhas paixões.

Por despeito e vingança tenho pervertido por minha vez tantos outros homens... Uma vez que se deslize nesta rampa vai-se sempre mais longe do que a intenção. Em certas alturas desgostava-me de mim mesma e não tinha a força nem a possibilidade de me levantar. Por cúmulo, adoeci e dependia materialmente dos outros. Geralmente os homens fazem-se pagar caro... compreendes?

Tinha jurado nada dizer, pergunto-me porque falo... Todos aqueles em que pusera confiança e que propunham ajudar-me exploraram-me, e tu, não farás isso... Desculpa, mas fui levada a desconfiar de toda a gente...»

Da alegria doutra:

«...Pouco a pouco tomamos o hábito de beber, depois a bebida torna-se-nos uma necessidade, faz-nos esquecer o que somos, a nossa triste vida sem desfecho.

Sem a bebida ser-nos-ia impossível mostrar uma cara alegre!»

Escravatura:

«Dizem que a escravatura desapareceu. É um erro, sempre existe, mas não pesa senão sobre a mulher e chama-se «prostituição».

Pesa sobre a mulher, isto é, sobre a graça, sobre a fraqueza, sobre a beleza, sobre a maternidade. Não é uma das maiores vergonhas do homem». (Vítor Hugo).

O nosso pecado:

«...todos nós estamos mais ou menos comprometidos neste crime monstruoso, dado que nada fazemos para o denunciar, para o reprovar, para obter justiça e reparação». (G. Duhamel).

Um apóstolo:

«Filhas do prazer! O nome é mais que uma irrisão. É o insulto o mais infamante para infelizes vítimas, levadas pela miséria a vender o corpo para procurar um gozo degradante aos anormais de hoje. É uma acusação terrível contra uma época e um regime que produzem e toleram tais monstruosidades...

Quanto mais horrenda uma chaga social é, mais exige entregas que não recuem diante de repugnância alguma nem diante de obstáculo algum. A luta contra a pros-

tituição exige uma firmeza ao mesmo tempo virginal e maternal. Numa sociedade que prostitui a virgindade e a maternidade, a salvação das suas vítimas exige nobres renúncias e inquebrantáveis perseveranças». (Cónego Cardijn)

A prostituição é a luxúria exercida por mulheres, tendo por motivo o lucro. Em vez do amor, elemento integrador da sexualidade humana, há o comércio.

A prostituição, aliás como toda a temática sexual, atrai a nossa curiosidade e imaginação. Devemos, no entanto, ter simplicidade ao abordá-la. Ela não nos interessa por mera informação ou diletantismo, interessa-nos humanìsticamente, interessa-nos numa perspectiva cristã e pastoral.

Nós, sem o querermos, sem termos feito algo para tal, achamo-nos seduzidos maravilhosamente para glorificar o Pai dos Céus e santificar os homens. Glorificar a Deus que é a própria Santidade, santificar os homens, mas os homens concretos, vivos, existenciais. Não são os homens que têm de vir até nós, nós é que temos de baixar a eles. A nossa perspectiva futura dum verdadeiro sacerdócio só pode ser a continuidade da Incarnação.

E os homens têm de se salvar a partir do que são, no seu corpo, espírito, temperamento e pecado, têm de encontrar Deus no desenvolvimento das suas potencialidades, no amor, na inteligência e no sexo. É ao homem todo e total que Deus fala, ama e salva. Nós, que humilde e oficialmente nos destinamos a ligar Deus e os homens, temos de ser homens, mas homens de Deus. Homens, não somos anjos, temos também um temperamento e um sexo. Claro que a sexualidade não nos interessa como ao comum, mas a nossa castidade tem de ser uma castidade viril, sexuada por assim dizer, — não há lugar para angelismos nem tabus. Temos de conhecer e enfrentar não só aquilo de que também somos feitos, como principalmente aquilo que é das coisas mais importantes para os homens: o amor.

O amor para os homens não é desencarnado nem platónico, é um amor sexuado, uma união de corpos e de almas. Há uma metafísica do sexo, o homem peca não por ter corpo mas pelo espírito, o homem quando realiza o acto sexual é numa necessidade vital e psicológica de união, de transcendência de si mesmo, de completar-se e aperfeiçoar-se em outrem. A estrutura dos sexos é tão formidável que ela se interpenetra para se multiplicar na plenitude do mais, do futuro, da vida.

Esta plataforma realista não elimina outra realidade — o pecado. A consciência das duas possibilidades do homem — a santidade e o pecado — dão ao cristão a precocidade sobre o não cristão. Em tudo, antes de ver o facto, ele vê a causa — a Graça ou o egoísmo, em tudo, antes de ver o económico, o social ou o psíquico, ele vê a raíz — o mistério do ser humano que sempre se quer transcender. Como esta ultrapassagem quando não realizada para Deus leva ao desespero e ao nada horrível — temos o pecado —, o que se prepara lealmente para ser chamado Sacerdote tem de assumir o pecado, quero dizer, tem de participar na sua consciência e no seu íntimo da tragédia e do horror da recusa dos homens a Deus. Tem de sentir pelos indiferentes, tem de sangrar pelos gozadores. Nesta sensibilidade amorosa e solícita pelos irmãos — no fim de contas apenas determinada pela paixão do Senhor —, assumimos não só o pecado como a vida dos homens. Interessamo-nos por eles. Assim, eles se poderão interessar por nós, isto é, por Deus.

Ganharemos no conhecimento do mistério e da dificuldade do caminhar do

homem para Deus. Deixaremos a pretensão dos nossos conselhos omnipotentes e das nossas teorias salvadoras. Ai de nós se quisermos suspender uma vida de homem — que é corpo, que é espírito, que é sexo —, apenas duma ideia lógica e fácil dum esquema decorado.

Isto tudo para dizer que nos temos de pôr em frente da prostituta com toda a delicadeza e intensidade da inocência e do respeito. E se sabemos que a religião é mais que uma ideia — uma vida e uma vida para a nossa vida, para a vida dela —, não podemos ter a presunção ingénua de com um simples propósito a levarmos ao bom caminho. Porque a prostituta é uma pessoa; a sua liberdade, o seu carácter, a sua personalidade, a sua condição social e conómica e sobretudo a feminilidade do seu coração e a imagem divina da sua alma, tudo, tudo está entranhado e comprometido na sua triste profissão, ainda que isto nos desconcerte.

Não tenhamos medo de encarar aquilo que nela aparentemente não aparece como religioso ou espiritual. Basta existir, para ser verdadeiro e exigir a nossa consideração. Aliás, talvez muitas vezes o erro principal parta de nós: à força de querermos autonomizar o religioso, o separamos da vida.

A fome de Deus sente-se no homem todo. Nada na prostituta é indiferente para a sua realização como filha do Pai Celeste e nossa irmã. Mas não é só sagrado o sobrenatural, o natural também vem de Deus. Quantas vezes esquecemos as coisas boas e naturais, ao nosso alcance e dependentes de nós mesmos, que o nosso Bom Deus nos dá? Quer dizer que a Graça tem de unir à competência, à pedagogia, aos recursos naturais, a um processo científico de pastoral.

Esta introdução pretendeu ser uma plataforma realista e sagrada para o problema e mistério da prostituição ou escravatura branca.

1. **A ESCRAVATURA BRANCA** — Examinemos o conceito de escravatura à luz do direito contemporâneo. Socorramo-nos para isso da Convenção Internacional sobre a Escravatura de 1949.

A — *A Escravatura:*

1.º — O que é a escravatura — «A escravatura é o estado ou condição do indivíduo sobre o qual se exercem os atributos do direito de propriedade ou alguns deles».

2.º — Os actos de escravatura — «O comércio de escravos compreende todo o acto de captura, aquisição ou cedência de um indivíduo para o reduzir à escravidão». «O comércio de escravos compreende todo o acto de aquisição dum escravo para o vender ou trocar». «O comércio de escravos compreende todo o acto de cedência, por venda ou troca, dum escravo adquirido para ser vendido ou trocado, assim como em geral todo o acto de comércio ou transporte de escravos».

Concluímos duas coisas. Primeiro, o escravo deixa de ser uma pessoa para ser uma coisa, pois que é objecto do direito de propriedade. E em segundo lugar, como valor transicionável é ainda objecto de todo e qualquer comércio: captura, aquisição, cedência, troca, venda, transporte, etc. Na base, a pessoa mudou-se em coisa. Na estrutura, a escravidão é um negócio com toda a técnica complexa e inteligente dos grandes empreendimentos económicos.

B — *Equivalente da escravatura.* Mais à escravidão pròpriamente dita a Comissão Especial de Escravatura das Nações Unidas assimila as instituições e práticas

análogas. Temos a «prática da escravidão por dívidas»; também «o estado legal de servidão que é a prática segundo a qual um indivíduo em virtude da lei (ou nomeadamente do direito consuetudinário), ou dum acordo, não pode livremente mudar de estado». Ainda «o estado legal de servidão é a prática segundo a qual um indivíduo segundo a lei não pode dispor livremente do produto do seu trabalho que é obrigado ou não, a fornecer ao proprietário sem compensação». Ainda «uma prática análoga à escravatura é aquela segundo a qual um indivíduo ou grupo de indivíduos que são obrigados, em virtude do direito consuetudinário ou de outro qualquer, a fornecer a um outro indivíduo ou à colectividade serviços remunerados ou não, não têm a faculdade de acabar os serviços por si mesmos». Finalmente «uma prática análoga à escravidão é aquela em que uma criança é entregue a um terceiro pelos pais ou tutores, contra pagamento ou em condições que permitem explorá-la».

As modalidades apontadas são ardis que tiram indirectamente a liberdade ou que vão reduzindo, pouco a pouco, a pessoa a um objecto de procura, de compra e de venda.

Descrita a teoria da escravatura, busquemos alguns casos da história da prostituição, para depois concluir a relação entre a primeira e a segunda.

Do preâmbulo da lei tailandesa sobre doenças venéreas: «Dantes compravam-se ao procurador as raparigas escravas, e depois de as terem reunido em número suficiente fundavam então casas de prostituição — Hoje (porque a escravatura está abolida) reunem estas raparigas e fundam casas de prostituição em diferentes distritos». Os organizadores da prostituição gozam de direitos que dantes pertenciam aos comerciantes de escravos, é o que se conclui.

Em 1951, em Paris, um norte-africano vendia as «aquisições» a 100.000 francos. Uma francesa vende-se actualmente na África do Norte entre 350 a 400.000 francos. Em 1953 uma rapariga de 26 anos pediu a protecção da Polícia porque a queriam vender em Casablanca por 1.200.000 francos. O Bom Pastor de Buenos Aires relata um leilão de uma rapariga de 15 anos, efectuado há alguns anos num «dancing» e que chegou ao lance de 10.000 pesos. Citou-se acima que «o comércio de escravos compreende todo o acto de aquisição dum escravo para o vender ou trocar».

Leonor Rangel Ribeiro na conferência pan-indiana sobre higiene social e moral, em outubro de 1950, denunciou rotas do comércio de prostitutas, da Índia para Utrar Pradesh e para o Nepal. Nas Antilhas Holandesas em Seroe Rondo há um quarteirão onde funciona o ficheiro das mulheres importadas. Citou-se acima que «o comércio de escravos compreende todo o acto de cedência, por venda ou troca, dum escravo adquirido para ser vendido ou trocado, como em geral todo o acto de comércio ou de transporte de escravos».

O proprietário dos prostíbulos recebe todo o ganho e dá às mulheres o que lhe apraz. Uma, por exemplo, do pouco que recebia era obrigada a pagar bebidas aos fregueses. Criava dívidas. O proprietário abriu-lhe crédito e iniciou a chantagem das dívidas que iam continuando. Quando conseguiu sair desta casa só levava 200 francos. Mas saiu desta para outra, era o meio imediato de comer. A chantagem garante aos organizadores que a prostituta continue a profissão. E há também os casos em que uma inesperada e brutal chantagem força uma mulher honesta à prostituição. «A prática da servidão por dívidas» foi um dos equivalentes da escrava-

tura que acima referimos como dado pela Comissão Especial da Escravatura das Nações Unidas.

Os art.os 17 e 31 da já citada lei sobre doenças venéreas da Tailândia: «Se a mulher pública desejar ser transferida para outra casa de prostituição não o pode fazer sem uma autorização prévia da autoridade». «A mulher que deixar uma casa de prostituição sem ter a prévia autorização da autoridade será punida com a pena de um mês ou mais de prisão e multa». O art.º 5 do Código Penal do Iraque, regulamento 33: «A frequência das casas de tolerância pode ter lugar entre as 15 e 23 horas. Uma prostituta não se deve ausentar da casa da tolerância depois das 15 horas». Esta legislação confronte-se com a declaração das Nações Unidas: «O estado legal de servidão é a prática pela qual um indivíduo, em virtude da lei, (ou nomeadamente do direito consuetudinário) ou dum acordo, não pode livremnte mudar de estado».

No México, a mulher pública para sair da zona, para mudar de estabelecimento e para não exercer actividade durante a menstruação tem de pagar. Em Marrocos, cada carteira tem uma taxa para o sultão. Em Singapura, foi condenada uma mulher que vivia da prostituição de uma jovem de 17 anos adoptada por ela. — «O estado legal de servidão é a prática segundo a qual um indivíduo em virtude da lei, não pode dispor livremente do produto do seu trabalho que é obrigado ou não a fornecer ao proprietário, sem compensação» — outro equivalente de escravatura.

Foi destruída em 1930, em Buenos Aires, uma organização chamada «Migdall». Compunha-se dum bando de 200 traficantes. As mulheres que tentassem escapar-lhes eram punidas por leis especiais ou denunciadas à Polícia por quaisquer delitos. «Uma prática análoga à escravatura é aquela segundo a qual um indivíduo ou um grupo de indivíduos que são forçados pelo direito consuetudinário ou outro, a fornecer a um outro indivíduo ou à colectividade serviços remunerados ou não, não têm o poder de acabar com os seus serviços por si mesmos» — outro equivalente da escravatura.

Na Costa Rica, uma rapariga fora dada pelos pais a um indivíduo em troca duma propriedade. Na Síria uma foi recolhida por uns miseráveis que viviam da sua prostituição. Entrou no Bom Pastor de Beirute com 11 anos. Para estes casos, o último sinónimo de servidão abordado pelas Nações Unidas: «Uma prática análoga à escravatura é aquela pela qual uma criança é vendida a um terceiro pelos pais ou tutores, contra pagamento ou em condições que permitem explorá-la».

A conclusão é lógica: Disse-se o que é a escravatura. Da prostituição apuraram-se alguns casos. A relação é única: A prostituição é uma escravatura. A escravatura não foi de facto abolida. Temos a escravatura branca.

2. **A MONTAGEM DA PROSTITUIÇÃO COMO NEGÓCIO** — O «comércio da carne» ou «vício assalariado» é servido por uma organização poderosa. Os que o fomentam e vivem dele são eles os capitalistas, as prostitutas não passam de simples mercadoria. Eles constituem uma autêntica sociedade comercial de plano internacional. A profissão tem graus. Os funcionários trabalham em equipa e mais, em hierarquia. Todo o trabalho é sistemático, determinado por um plano de conjunto e desenvolvido «pedagògicamente». Há trabalhadores adequados às várias espécies de mulheres que se pretendem contratar. Sim, porque há as ingénuas e as que são difíceis de convencer. Os postos vão caminhando da periferia para o centro,

isto é, desde os que abastecem os grandes centros, até aos grandes capitalistas, muitas vezes escondidos e bem escudados.

Comecemos pela periferia. Primeiro, temos os «batedores». Desorientam as mulheres, explorando toda a deficiência económica e isolamento familiar, moral e social; manobram nos lugares de divertimentos, até nos mais inocentes. Recorramos ao ficheiro da Administração Penitenciária Francesa para exemplificarmos ao vivo este e os demais ofícios. Eis um «batedor»: Um homem de 31 anos; 11 condenações por roubo e outra por homicídio; fugiu da prisão, alistando-se na Gestapo logrou protecção para montar o negócio. Ganhava 10.000 francos por dia, fornecia mulheres para todo o mercado internacional e em especial para os nazis . Tinha sócios dos quais, após a vitória dos aliados, uns foram fuzilados e outros fugiram para Portugal e Suiça. Aos 26 anos recebeu uma condenação a 8 anos de trabalhos forçados. Presentemente é um pervertido, odeia tudo e todos, não tem remorsos e só compreende o prazer e o mal.

Em seguida, temos os «agentes de empregos». Arranjam contratos mirabolantes, fornecem passaportes, organizam grupos de mulheres para o transporte, troca e venda. Conta-se de um que até convenceu uma rapariga a ser professora de francês do sultão de Marrocos! Um «exemplar»: Um homem de 35 anos cumpre uma pena de 12 anos de trabalhos forçados. Crimes: Atentados contra a liberdade de trabalho, roubos, seitas de bandidos. Começou a meter-se no «chorudo» negócio da prostituição como criado dum restaurante. Era intermediário entre os grandes comerciantes de carne humana e drogas e os proprietários dos prostíbulos. «Empregava» para toda a França. Em 1939 tirava 500 a 1000 francos por cada mulher. Em 1941 chegou a auferir 90.000 francos.

Temos agora os exploradores directos do negócio, os donos das casas de tolerância. São honestos cidadãos que pagam os impostos, e protegidos pela lei e pela polícia. Contanto que não saiam foram de certos limites são tidos e reconhecidos por comerciantes normais como em qualquer outro ramo. O caso de um que foi longe de mais: Tem 47 anos. Um desiquilibrado psíquico e sexual. Já aos 16 anos era dum bando que vivia do roubo e da exploração de prostitutas. A sua concubina, ex-prostituta, conseguira o capital para lançar uma boa rede. Tinha à sua conta 7 mulheres que simplesmente lhe rendiam 90.000 francos anuais fora um hotel e dois botequins clandestinos. O hábito do roubo é que o levou à prisão. Mas por trás destes todos há os grandes empresários, os capitalistas, os que cobrem os riscos e garantem a vitalidade da prostituição no plano nacional e internacional. Sim, porque há sociedades internacionais destes grandes empresários.

Um grande empresário tinha montado o recrutamento nos bailes. Outro de actividade internacional, especializou-se no transporte de prostitutas através de todo o mundo. Tinha nos portos agentes que lhe asseguravam o andamento. Aliava a isto o comércio do ópio. Aos seus subordinados dominava-os cruelmente. A um chegou a assassinar bàrbaramente. Nenhum remorso, — os outros é que tinham sido injustos. Quanto à prostituição, era um comércio como outro qualquer, declarou.

Ao lado destes profissionais há os postos secundários, por exemplo, os falsários e os «despistadores». Os falsários arranjam toda a documentação para escravizar legalmente uma mulher, quer transformando menores em maiores, quer forjando passapor-

tes. Em 1930, foi preso um cônsul por esta operação. Os «despistadores» ou «vigias» dão o sinal de alarme quando há perseguição da autoridade. Conseguem perder o rasto dos criminosos e têm conhecimentos, «cunhas» e protecção nas repartições públicas e policiais.

A exploração directa ou indirecta da mulher em ordem à prostituição chama-se proxenitismo. Todos os profissionais apontados chamam-se, pois, genèricamente proxenetas por viveram da prostituição comercializada.

A escravatura branca é um autêntico «trust» capitalista. Para mostrar a sua auto-suficiência, vitalidade e domínio internacional apontemos:

Em 1937 houve em França um projecto de lei contra a prostituição. Na Assembleia geral dos proprietários, reunida nesse ano em 29 de Abril, para enfrentar a rëacção, o presidente declarava: «Felicito-vos meus caros colegas... por terdes aceite, em face da grandiosa ameaça que para nós é o projecto da lei Sellié, a criação dum fundo de defesa sobre a base mínima de 1000 francos para 100.000 francos de rendimento. F... nosso devotado tesoureiro geral disse-me ter em depósito a linda soma de 49.472.000 francos. Peço-vos, caros colegas, para arredondardes esta soma até aos 50.000.000. Estais de acordo que bem pouco é para vós». Esta reacção mais a compra de pessoas eminentes fez adormecer o projecto do senado.

Em 1949 a senadora italiana Lina Merlin propunha o encerramento das casas de tolerância. Começou logo o contra ataque. Reunidos em Milão não só os negociantes italianos como representantes italianos e um delegado francês, constituiu-se um fundo de 1.000.000.000 de liras para a propaganda de falsas estatísticas sobre as doenças venéreas em países abolicionistas. Resultado da campanha: o projecto Merlin esperou dois anos.

3. **CAUSAS DA PROSTITUIÇÃO** — «A prostituição não é apenas uma chaga moral. E, não menos, um cancro social e um violento atentado à justiça e à dignidade humana. Só não o compreende quem ignora o que todos os inquéritos têm revelado, em todos os países: que, entre as prostitutas, há poucas mulheres naturalmente viciosas; na maioria! — são as circunstâncias, são *factores externos,* que as atiram para essa vida. Daí que a luta contra a prostituição não possa de nenhum modo identificar-se com a perseguição movida à prostituta. Seria um erro grave, por vários motivos: 1.º — porque, em princípio, o que importa é regenerar moralmente e recuperar para uma existência normal e útil a mulher prostituída, e não persegui-la; 2.º — porque, ainda quando já se encontram no último extremo, a prostituta é, mais pròpriamente ou mais frequentemente «vítima» do que «culpada»; 3.º — porque seria ilógico e ineficiente procurar reprimir os efeitos individuais de causas gerais que se permitisse continuassem a actuar livremente» (1).

O facto da prostituição interessa, mas muito mais a génese. Falemos pois das causas e dos factores favoráveis da prostituição. Estes factores favoráveis da prostituição são as suas causas remotas. Procuremo-las sumàriamente no meio familiar, no alojamento, no trabalho, e nos divertimentos.

Meio familiar — As deficiências ou ausência total da família fazem da criança um ser incompleto. A rapariga sofre muito mais; psicològicamente pela sua emoti-

(1) Seda Nunes, art. cit.

vidade fica muito mais marcada que o rapaz, tanto mais que não tem na sociedade a defesa e a independência económica e moral daquele. É vulgar que a prostituta tenha tido pais imorais ou alcoólicos, com taras sifilíticas ou mentais, que tenha assistido em pequena à intimidade conjugal e às aberrações e falta de fidelidade. Um autor declara que 48 % das prostitutas foram influenciadas por exemplos ou iniciação. Há o caso desumano das raparigas dos asilos que educadas sem amor nem carinho ganham uma sexualidade mórbida, desligada totalmente da educação do coração e da sensibilidade. Aliás, não só fornecem a maior percentagem para os prostíbulos como para o crime em geral (1). Não falta mesmo as actuações criminosas de certas mães: uma rapariga de 13 anos, em Bruxelas, fora educada expressamente para a prostituição pela mãe, sendo obrigada a aceitar clientes desde os 10 anos.

E o bocado duma carta: «sob a pressão moral do meu avô, a minha mãe pôs-me como criada num café. Os homens propõem toda a espécie de coisas... calculas o que é... eu não quero, até já dei uma bofetada num, mas não sei se consigo manter os bons propósitos — quereria que me escrevesses muito, os teus conselhos não são como os da minha mãe». Não esqueçamos as esposas abandonadas e a braços com crianças de peito, a tirania mental de certos pais, a educação materialista e livre de outros.

O alojamento — Na Bélgica, por exemplo, em 1950 havia 250.000 pessoas sem casa própria, 70.000 quartos com mais de 2 pessoas, partes de prédios com a mesma retrete para 40 pessoas. Lá, uma prostituta afirma ser vulgar os rapazitos e as rapariguitas procurarem os recantos «para fazer como a gente crescida». Outra prostituta declarava que tinha sido violada aos 4 anos por um adolescente de 15. O quarto triste e acanhado, sem luz e aconchego, que uma operária ocupa reclama uma libertação, um convite. Ela tem de expandir-se, sob a pressão de se ver amarfanhada. Não direi que a casa é uma instituição natural, mas que é uma condição «sine qua non» da família e do desenvolvimento normal da pessoa, isso é.

O trabalho — A brutalidade do choque que as aprendizas sofrem é enorme: pessoal misto, cabeças e corações ingénuos e delirantes de adolescentes ao encontro da malícia organizada. Em Lisboa, há oficinas onde as operárias impõem aos colègas a selecção de aprendizes para experiências sexuais.

As raparigas que iniciam um ofício não são orientadas profissionalmente. Apenas levadas pela luta da vida, pegar ou largar. Daqui cria-se um indiferentismo pela profissão, um desejo de mudar, de novas experiências e ambientes. A exploração das aprendizas, as predilecções pérfidas dos patrões por algumas favoritas levam as demais a cultivar o «sex-appeal», a embonecarem-se, a oferecerem-se. Em Lisboa, não faltam alfaiates deste género. A imoralidade dos meios de trabalho é descarada, desde os inquéritos sobre a virgindade da aprendiza recém-chegada, até aos gabinetes dos manequins. A temperatura de certos trabalhos fabris leva a uma simplificação de vestuário — no nosso país há casos bem tristes nas fainas rurais. Um índice desta imoralidade: Uma operária casada, com 20 anos, depois de 4 abortos de filhos do seu marido e de 7 de outros homens, leva para a fábrica o último feto afim de o queimar

---

(1) Sena Nunes, ibid. e Courtois, Padre Jean in Entrevista «Da falta à regeneração» Aleluia n.º 50, Julho e Agosto de 1956.

num forno. O operário encarregado do forno, em ar de comício e chacota, reune todo o pessoal, inclusivé uma menina de 15 anos, para assistirem ao espectáculo.

A mecanização e as tarefas anti-femininas não podem deixar de abafar os sentimentos de uma consciência normal e gerar um anti-humanismo egoísta, gozador e sensual. Cria-se uma necessidade de expansão, um escape que aproveita logo as tendências eróticas e a facilidade das circunstâncias. Não faltam até os produtos químicos cuja manipulação acarreta doenças dos órgãos genitais.

A publicidade e o lançamento de produtos levam à criação dum ambiente de sedução sexualizante. Quem entrou já no «Unipreço» de Lisboa o verificou: a distribuição da luz, as batas das empregadas, a selecção do pessoal, tudo psicològicamente orientado para atrair o cliente através da sexualidade.

E as deslocações que as raparigas sofrem para trabalhar? Dumas 176, 49 perdem duas horas em transporte; 13, três horas, e 5, cinco horas. Doutras 90, treze levantam-se às quatro e meia, 34 às cinco e meia, 4 às seis e meia, 2 às sete e meia. De mais 100, 40 passam doze horas fora de casa e as restantes mais de doze.

Um parêntesis para as criadas. São justamente as mais atingidas pelas deslocações. Ficam em regra completamente isoladas da sua terra e da sua família. Em 1938 lia-se num inquérito da Sociedade das Nações: «A profissão de criada é uma profissão não qualificada, não apreciada, não organizada e não protegida por um contrato de trabalho. Todas as explorações e abusos são possíveis sem que a interessada possa fazer valer os seus direitos». Algumas de 16 anos chegam a trabalhar 16 horas por dia. Se um atrevimento do patrão ou de algum familiar vai progredindo e resulta num abuso, a solução normal é procurar outra casa, quando se não vai buscar emprego a uma pensão, café ou restaurante. É uma plataforma que vai resvalando para o prostíbulo. O mais trágico na vida da criada é o seu isolamento. Embora tratada com deferência, a criada fica sempre uma estranha à estrutura social e familiar do meio. Esmagadas pela dureza e continuidade do serviço doméstico, que fazem nas poucas horas de folga? Num inquérito a 250 criadas, 65 % apontam: cinema, atracções, «flirt», relações sexuais seguidas.

O desemprego deprime as raparigas e torna-as aptas a aceitar qualquer meio de vida, independentemente da imoralidade. Os salários insuficientes também actuam neste sentido. Há bairros operários no nosso país, por exemplo, no Porto, onde raparigas trabalham de dia como operárias e à noite como prostitutas.

Os divertimentos — A técnica veio organizar os divertimentos em grande escala, apresentá-los como exploradores da curiosidade dos sentidos e democratizá-los. O mau cinema, em especial, alimenta as perversões da imaginação, os sentimentos maliciosos e cria um pan-sexualismo. E incita de tal modo o instinto que é um dos factores mais vigorosos a contribuir para pseudo-necessidades de satisfação sexual. A gente que frequenta as salas de cinema pratica, por vezes, uma autêntica prostituição mental. Vai mesmo dar razão e deleitar-se com a pornografia de certos filmes.

Alguns textos de publicidade cinematográfica estrangeira:

«Tráfico de mulheres» — mulheres provocantes. Perturbador, sexual, brutal, perverso.

«Noites de Paris» — as mais belas mulheres de Paris. Um filme à glória da mulher parisiense.

«A dança interdita» — censurado nos Estados Unidos. Interdito no Egipto. Versão integral na Bélgica.

«Paris nocturno» — um complemento «Pigalle nu» — mulheres nuas.

«A vida duma mulher nocturna» — os segredos duma mulher pública. Os amores duma mulher da vida. Os amores duma filha do pecado.

«A... notável» — toda a mulher tem um momento de fraqueza na vida.

Entre nós, recordo um título — «O que valem é umas pernas», a publicidade sobre «David e Betsabé» e o descaramento pornográfico dos filmes italianos das Silvanas e «companhia» e Totó.

Os divertimentos pelo seu ritmo obsceno e explorador dos instintos recrutam clientes para os prostíbulos.

Há bailes em que se apaga a luz e recintos, mesmo tidos por selectos, onde há andares mal iluminados à disposição dos pares. Entre certos clubes existencialistas do estrangeiro os jogadores de cartas à medida que perdem vão alienando peças de vestuário. Conheço uma pessoa que foi convidado para um baile nudista e o célebre escândalo de Cascais, de há anos, não passou de afloração da pouca vergonha que por aí anda escondida.

A imoralidade pública alimentada por uma imprensa sem escrúpulos é confrangedora. O «Diário de Notícias» publicava uma deliciosa notícia sobre uma empresa de casamentos austríaca organizadora de passeios e encontros nocturnos entre celibatários infelizes e adoráveis donzelas... O «Século Iiustrado» é uma perfeição da boa técnica jornalística ao serviço da pornografia.

A rádio tem programas imbecis e estimulantes; os concursos rádio publicitários, certas graçolas com que os locutores garantem a sua popularidade, tudo ajuda a viciar o ambiente em que vivemos.

Mas no fim de contas qual a causa eficiente da prostituição? O que vimos não passa duma condução ao prostíbulo. As causas próximas são indiscutìvelmente a prostituta, o prostíbulo, o que o frequenta e a montagem comercial da prostituição.

Houve quem aventasse uma vocação para a mulher perdida. Haveria uma constituição psico-somática, uma patologia sexual que determinaria a mulher a prostituir-se. Isto é falso. Os que frequentam os prostíbulos sabem da artificialidade das reacções. A rapariga honesta passa a prostituta, geralmente, não por uma determinação da sua psicologia mas por uma premência económica ou social. Claro que houve deficiências na sua educação e na sua personalidade. Uma vez apanhada na malha e na organização formidável, de que já conhecemos algo, ela fica escrava. Se a prostituta fosse a causa eficiente da prostituição seria natural que fosse ela a tirar o maior rendimento. Ora justamente, ela é a vítima, a máquina de prazer para o homem e de rendimento para os capitalistas do ramo. Quando ela é apanhada pela organização conserva ainda toda a sua vitalidade. Não é a sua psicologia que a faz prostituta. A prostituição é que lhe cria uma psicologia própria. O enfraquecimento da vontade, da sociabilidade, o gosto da ociosidade, o desespero, a agressividade, toda a monstruosidade de que uma mulher é capaz aparecem depois.

O prostíbulo é a oficialização do vício, é a facilitação para os caprichos do homem. Contra tudo o que dizem os interessados, o encerramento só diminui a prostituição e o perigo venéreo. Resta, porém, a prostituição clandestina e privada. Há

uma aristocracia de prostitutas que ou conseguem viver independentemente ou são concubinas de grandes magnates do negócio.

Mas por que é que, combatida a imoralidade e defendidas as raparigas e fechados os prostíbulos, continua a prostituição? É que há o frequentador e o capitalista. Estes são os primeiros motores da prostituição. Se a prostituta é o agente da prostituição porque profissional do vício, o frequentador e o capitalista são as causas autênticas e profundas, porque a prostituição não é só o vício mas o vício comercializado. Logo há o que vende e o que compra.

O que se disse acima dos potentados nacionais e internacionais da prostituição confirma bem isto. A prova de que são os responsáveis mais culpados é que todas as derrocadas do saneamento lhes são imputadas.

O cliente dos prostíbulos alinha em seguida. Não é ele o mais defendido pela lei? Entra no drama absolutamente anónimo, tem o direito a satisfazer e a exigir todas as aberrações, paga e é servido. A sua função é um acidente na sua vida. Apenas a comparsa é que está amarrada à instituição. É a afirmação do egoísmo masculino, duma moral unilateral e injusta. É a luxúria do homem a escravizar a mulher. Fisicamente favorecido pela natureza, ele tem a vaidade estúpida e cobarde a que chama virilidade. Casado ou solteiro, pobre ou rico, fica sempre imune. O acto sexual é bilateral, em princípio, o contributo e responsabilidade é igual. Pois ele, o homem, fica livre, respeitável, socialmente digno, só ela — a mulher, é considerada a viciada, a desprezível.

Os gregos tinham oficializado o homossexualismo — Platão faz o elogio. Os romanos condenavam ao lupanar as mulheres acusadas de delito contra o estado. A sociedade contemporânea conseguiu uma mistura tal de paganismo e cristianismo que erigiu uma moral de duas faces, que não passa de triste e miserável transplantação do reino animal — o domínio feroz do macho sobre a fêmea.

4. **O ABOLICIONISMO** — Do conhecimento do que é a prostituição — quem ousará dizer ser ela um bem para a prostituta? — parece impossível que surjam os defensores da sua regulamentação. A atitude contrária é o abolicionismo. Não aceitando em princípio e de facto a prostituição, leva à abolição das carteiras profissionais, dos prostíbulos e de todas as estruturas anexas. Os que combatem o abolicionismo pretendem ser os defensores da mulher honesta. São os versos de José Régio:

> Ora para as haver honradas,
> e terem saúde e sizo
> os filhos famílias... e os pais,
> há quem diga que é preciso
> haver destas desgraçadas
> e destes crimes legais...

No fundo afirmam que a existência de mulheres honestas depende da existência de outras desonestas. Lembro-me da afirmação de um teórico marxista dizendo que a salvação de metade da humanidade justifica a liquidação da outra metade...

Quais os argumentos dos opositores ao abolicionismo? Antes, desprezam-se os que afirmam ser a prostituição uma fatalidade e por conseguinte inútil o seu combate. Também haverá sempre doença e os médicos e os hospitais continuam e actuam. Também haverá sempre ignorância e estuda-se. Tal atitude é que é de facto impedir de princípio e de raiz a solução do problema. Os argumentos regulamentaristas são dois:

I. A prostituição regulamentada localiza o vício e isola-o, deixa de haver aliciamento público e descarado. Além disso, permite a satisfação natural das necessidades sexuais.

2. A prostituição regulamentada garante a saúde pública evitando a contaminação das doenças venéreas.

Respondamos à primeira — Mesmo que a regulamentação isolasse o perigo — o que não é verdade, como se verá, — a sua acentação é odiosa. É a oficialização do vício e a escravização da mulher. Mas a regulamentação não impede a prostituição clandestina: quando em Paris se começou a aplicar a lei de 1946 determinando a abolição das casas de tolerância, ao lado de 8.100 toleradas havia 30.000 clandestinas. A regulamentação, embora em teoria tenha leis que protegem a prostituta, não impede as barbaridades os abusos violentos e os delitos anti-naturais. A prostituta é sempre explorada até ao fim. Em Casablanca, as filhas das mulheres de má vida chegam a ficar sob a tutela das gerentes das casas em ordem ao negócio futuro. Há casos de clientes mutilarem as mulheres quando se negam a certos refinamentos sexuais. Quanto às casas toleradas corresponderem a uma necessidade pública de satisfação sexual, recorde-se que dois terços dos frequentadores franceses são casados.

As infracções à lei natural abundam. Ajunte-se o alcoolismo, o uso dos estupeficiantes e a geração de crimes, raptos, eu sei lá — toda uma vida de miséria dinamizada pelo prostíbulo legalizado.

O facto, porém, pelo qual a regulamentação não acaba é a maquinaria administrativa que a sustem e dela vive. Continua aqui a verdadeira causalidade acima apontada: o negócio da prostituição. Há um serviço especial de polícia; há em certos países a organização pelo Ministério da Guerra de prostíbulos de campanha; os numerosos quarteirões do vício da Argélia dependem do Ministério das Colónias; os serviços de ficheiro sanitário e social do da Saúde Pública; o transporte das mulheres não deixa de interessar certos organismos oficiais de turismo.

Estas repartições estão cheias de gente que ganha e ganha bem, subsidiada pelos capitalistas do ramo. Até alguns cargos públicos são desempenhados por honestos comerciantes do sexo... Em Portugal já houve um governador civil...

A contestação do segundo argumento — a sanidade — é a mais fácil e evidente. Uma declaração de autoridade: «Em todo o lado onde se fecharam as casas de tolerância... assistiu-se à diminuição das doenças venéreas em toda a população. É um facto largamente demonstrado, admitido pelos médicos sifilígrafos mais competentes e que os higienistas de boa fé não discutem. O encerramento das casas de tolerância é pois uma medida imposta pelo simples bom senso» (1).

---

(1) Dr. Ritz, da Academia de Medicina de França, em 1946.

Os serviços médicos da regulamentação nada resultam. Só atingem as prostitutas e muito precàriamente, e nunca o frequentador. Ora «o homem doente é também um propagador do mal, mais perigoso ainda do que a prostituta, mais culpável e muito mais responsável» (1). Continua a falsa moral parcialista. Nas casas toleradas há exame médico bi-semanal, mas entre as duas inspecções cada mulher pode ter contaminado de 60 a 100 homens. Ainda por cima os dirigentes da prostituição vigiam. Por exemplo, uma prostituta foi 12 vezes ao dispensário sempre com cartões diferentes, isto é, ia em vez de outras, outra submetida a dolorosos tratamentos declarava ao morrer que nunca sofrera de sífilis, vinha representar as companheiras... Uma casa só de cinco mulheres já com cancros sifilíticos conseguiu durante bastante tempo escapar à inspecção. Os 50 dias de escape multiplicados pelas 5 prostitutas e por uma média individual de 30 frequentadores diários dá simplesmente 7.500 contágios.

O grande facto é que o encerramento das casas toleradas diminui o perigo venéreo — suposta, claro, a campanha sanitária e adequada. Assim em Grenoble na França em 1930 no regime de regulamentação registaram-se 144 casos de sífilis. No ano seguinte foram fechados os prostíbulos e montados postos de tratamento; o número de casos sifilíticos desceu para 129. Em 1930 eram apenas 20 e em 1951 simplesmente 3...

E a prostituta clandestina ou livre é muito mais perigosa que a tolerada. Ela recebe em sua casa, tem cuidado da sua saúde e da sua reputação.

Os factos e os princípios levam-nos automàticamente ao abolicionismo. É evidente que a abolição tem de ser progressiva, visto nada interessar fechar o prostíbulo se não houver instituições para recuperar a prostituta. Os centros de recuperação, até mesmo locais de internamento temporário, a acção preventiva e de protecção às raparigas, a coordenação de todos os organismos oficiais e particulares da assistência, uma informação desassombrada do público, uma colaboração indispensável dos sacerdotes e particulares que ocupam lugares de comando e ascendência moral no meio, tudo tem de ser aproveitado para um abolicionismo racional e eficiente. Não interessa, sumária e finalmente, acabar com uma instituição criminosa. O problema não é negativo mas positivo. Melhor, de substituição. Há que substituir estruturas. As prostitutas têm de continuar a viver, têm o problema da sua manutenção económica e da sua total educação para a vida. Compreensão e generosidade cristãs por este lado, mas intransigência absoluta com os dirigentes, capitalistas e responsáveis da escravatura branca.

DR. JOÃO AFONSO VIANA DA COSTA

BIBLIOGRAFIA

Philippon, Odette — «L'ESCLAVAGE DE LA FEMME DANS LE MONDE CONTEMPORAIN OU LA PROSTITUTION SANS MASQUE» liv. Téqui, Paris, 1954.

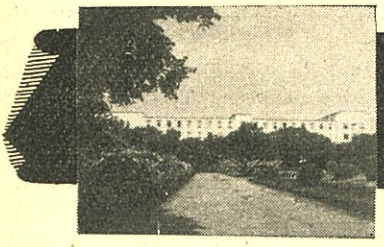
Verbeke, Nelly — «DÉTRESSE DES FILLES DE JOIE» ed. Universitaires, Paris.

Biot, René — «O PROBLEMA DA PROSTITUIÇÃO» in «O PROBLEMA SEXUAL» liv. Tavares Martins, Porto.

Perico, G. «LE CASE CHIUSE» pub. por Centro Studi Sociali S. Fedele, Milano, 1953.

Seda Nunes, Adérito — «LUTA CONTRA A PROSTITUIÇÃO» bol. de Assistência Social, ano 13.º números 121 e 122.

(1) Seda Nunes, art. cit..



CRÓNICA

«Toda a obra verdadeiramente «viva» é sempre nova. O artista, se tem génio, é semelhante ao Criador: tira-a do nada, dá-lhe o nome, imprime-lhe a própria imagem, empresta-lhe a linguagem adequada, fá-la viver por si. Cada obra é única, por mais que se repita (excluo: que se copie) o artista».

Sua Eminência proferiu, algures (1), estas palavras, cuja verdade se tornou manifesta no começo deste trimestre. Tendo-nos falado por duas vezes, tratou da «piedade pessoal», a que tem por costume associar o «cuidado em fazer extraordinàriamente bem as pequenas coisas».

Então, o «padre» é o apaixonado cuja vida ele empenhou num amor de plenitude e transcendência. Mas deve prescrutar as suas possibilidades, o seu modo original de ser, para que, de harmonia com ele, realize o sacerdócio na perfeição mais completa. Depois, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus é «o resumo de toda a doutrina cristã». É um símbolo; e daí tira a sua vantagem para nós que, espíritos incarnados como somos, sentimos a necessidade do sinal sensível, até para apreendermos o que é mais transcendente. O Sagrado Coração de Jesus é o Amor; e neste se há-de resolver a vida de cada um. Para tal, no entanto, o nosso espírito deve-se disciplinar na assimilação de um regulamento e na observância das «virtudes crucificantes»: humildade, obediência...

Esta ascese é bem o empréstimo da «linguagem adequada», através da qual se exprime e se fecunda a si mesma toda a obra de arte. Pelo «artista», e artista de génio, fomos tirados do nada para constituirmos este Seminário, recebemos um nome e a sua própria imagem e, quando Sua Eminência nos fala, faz-nos «viver por si»!

* *
*

A manhã académica do dia 20 de Janeiro foi preenchida por um notável trabalho do João Rodrigues, intitulado: «Visão cristã do Matrimónio». A quem estranhasse tal assunto numa reunião de seminaristas, bastar-lhe-ia assistir a ela, para compreender o que o Sr. Dr. João de Sousa, no fim, sublinhou: onde esteja presente o matrimónio, aí se encontrará a virgindade.

O João Rodrigues introduziu o assunto com umas prévias considerações acerca

(1) «Problemas de Arte Sacra».

do modo como a Teologia Moral está sendo ensinada. Ao contrário daquilo que actualmete acontece, ela devia-se integrar num estudo único do homem total enquanto atingido pela Revelação.

Separando a Teologia Moral de toda a restante Teologia, considerando-a disciplina à parte, cai-se em duas deficiências. Assuntos de importância bem diversa no conjunto da doutrina cristã, ganham um valor uniforme, pois que desintegrados daquilo que os explica ou completa. Além disso, o cristão aprende o que se pode ou não fazer, desligando a inteligência e a vontade dum ideal de perfeição. As dificuldades que se opunham, na mente do geral dos autores, à inclusão na disciplina teológica da sua parte moral eram insólitas, como a do tempo de ensino ou originalidade de método. Também os tratados da Igreja, da Eucaristia... usam métodos próprios. O presente trabalho visava apresentar uma síntese completa e orgânica do valor do matrimónio.

Este, primeiramente, foi definido como símbólico, de um significado não meramente atribuido, extrínseco, mas de origem estrutural, nascido da própria natureza da união. O homem representando o domínio do Deus Criador, a mulher representando a sujeição da criatura. Assim, o valor do amor conjugal não é de maneira alguma absoluto, como fim em si próprio, mas valor relativo e orientado à realidade transcendente que simboliza.

Porém, como negar a necessidade do matrimónio em favor da virgindade cristã e celibato sacerdotal, se homem e mulher nele se completam? Aqui incidiu, talvez, a maior luz do trabalho do João Rodrigues que distinguiu o homem segundo a lei e segundo a Graça. Nos esponsais de Deus com a sua Igreja é que o sentido esplendoroso e real do matrimónio se revela. O que anuncia, realiza-se: a união em amor do Deus que domina, com a humanidade sujeita. É a realidade que suplanta o símbolo.

O mistério de Jesus Cristo e o mistério do sacerdócio explicam-se pela «loucura». Loucura que é justificação em si própria, pois é amor; e nada justifica o amor se não que o amor a tudo justifica.

Foi oportuno, principalmente, o ideal que nos comunicou. Apesar de muitos preconceitos acerca das teorias, sem a «teoria do sacerdócio», nenhuma acção prática pode subsistir.

O José Policarpo honrou no dia 10 o grupo de arte, em que participa, com um estudo sobre Cezanne e, a seu pretexto, sobre toda a arte moderna. Sobressaíu o ambiente de leveza agradável e uma boa filosofia acerca dos acontecimentos narrados.

* *
*

Passaram há pouco duas datas, uma triste, a outra agradável. Na primeira comemorámos a morte do Manuel Vicente a 1 de Fevereiro do ano passado. Pela fé e pela oração a ele nos unimos desde manhã, pela Santa Missa. Na segunda festejámos com os nossos irmãos de Almada o seu padroeiro S. Paulo.

N. G.

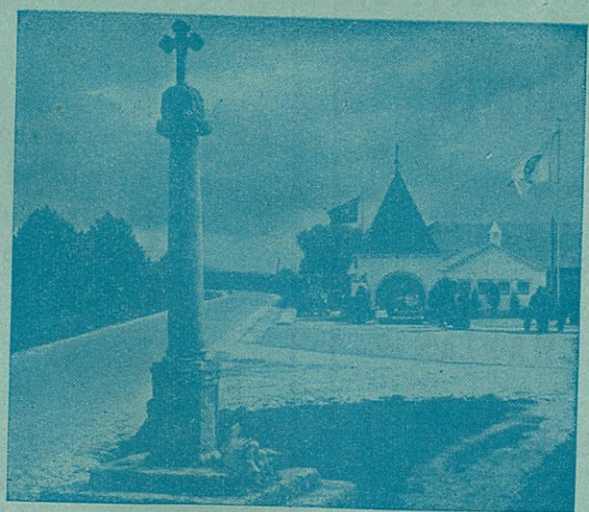
AO SERVIÇO DO AUTOMOBILISTA

SACOR

A utilidade de um Posto de Abastecimentos não exclui o seu enquadramento nas belas e suaves paisagens da nossa terra

Assim pensa

A SACOR



POSTO DE ALJUBARROTA

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 — B. Baixa - CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do continente, ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições 4 estrangeiras e 3 nacionais

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

OURIVESARIA ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191-211—Porto
Rua Garrett (Chiado,) 50-Lisboa



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

Vaticano

CASA RUVINA Rua Formosa, 173 — PORTO





FUNDADA EM 1756

"Genáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14

E. PINTO BASTO & C.ª L.da

— LISBOA —

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **Representações** (Industriais, etc.) CARVÃO

FOLHA DE FLANDRES E AÇOS

EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

no PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

Antiga Fábrica de Velas

de **Alfredo Cadete Pereira**

Alcanena — Monsanto

Velas de cera Litúrgicas e de promessa

Preços especiais para os Rev.dos Párocos e Irmandades

Viuva Macieira & Filhos

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho

Armazém de papeis nacionais, estrangeiros e papelão

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefones: **Escritório: 31721** / **Papelaria: 31772**

R. da Madalena, 10 a 20 **LISBOA**

União Gráfica

S. A. R. L.

Sede: Rua de Santa Marta, 48

LISBOA

Livraria — As últimas novidades literárias.

Tipografia — Execução perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

Editorial — Numerosas obras de grande interesse. Editora dos apreciados romances de *Nuno de Montemor*.

Objectos religiosos—O maior sortido, aos mais baixos preços.

Paramentaria—Confecção de paramentos que se impõem pela sua qualidade e esmerado acabamento.

Proprietária do diário *Novidades*, da revista de actualidades *Flama*, do semanário *A Guarda* e da publicação bi-mestral *Selecção Documental*.

Aparelhos televisores
Máquinas de barbear

Aparelhos rádio
Gira-discos

Máquinas de gravar
Frigoríficos

AS MELHORES MARCAS

GRANDE SORTIDO

Descontos especiais ao Clero

Eurico & Rosa L.da

Rua das Pretas, 18-20

Telef. — 24410 / 20183 — Lisboa

MISSAL ROMANO — para todos os dias do ano, com sacramentário e devocionário em papel bíblia contendo 1250 páginas.

Preços: Encadernação em percalina — 40$00
« « pergamóide 60$00
« « chagrin c/ folhas douradas — 110$00

PEQUENO MISSAL — para domingos e festas, com sacramentário e devocionário.

Preço: Encadernação em muito boa percalina — 20$00

NOVO TESTAMENTO — traduzido do grego e anotado pelo Cónego Dr. José Falcão — 40$00.

Pedidos à União de São João, Gráfica de Gouveia, L.da — Gouveia

Comunicamos aos Ex.mos assinantes que, a partir do dia 20, procederemos à cobrança relativa ao ano de 1957.

Muito agradecíamos que esta nos fosse enviada directamente.

O fermento evangélico deve levedar a massa dos valores temporais; isto quer dizer que a família, o estado, a profissão, a cultura, a filosofia, devem ser enobrecidos, transfigurados, sublimados em todos os seus elementos constitutivos pelo cristianismo. Deus quer que a sua vontade se faça tanto na terra como no céu: a Igreja terá portanto o dever de usar todos os seus recursos para a consecução de tal fim.

Fazendo isto, a Igreja presta ao Mundo o mais importante dos serviços, pois que o reconduz às fontes da vida autêntica, as únicas que podem assegurar-lhe o crescimento e a prosperidade.

GUSTAVE THILS

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINARIO DE CRISTO - REI «OLIVAIS»